



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA

---

LETICIA GABRIELE ZILLI

**A MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO NA LÍNGUA  
KAINGANG: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

---

Londrina  
2024

LETICIA GABRIELE ZILLI

**A MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO NA LÍNGUA  
KAINGANG: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira.

---

Londrina  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Z69m Zilli, Leticia Gabrielle.  
A morfossintaxe da negação na língua kaingang : uma análise preliminar /  
Leticia Gabrielle Zilli. - Londrina, 2024.  
89 f. : il.

Orientador: Marcelo Silveira.  
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em Estudos da Linguagem, 2024.  
Inclui bibliografia.

1. Kaingang - Tese. 2. Linguística - Tese. 3. Gramática - Tese. 4. Negação -  
Tese. I. Silveira, Marcelo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras  
e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.  
III. Título.

CDU 8

LETICIA GABRIELE ZILLI

**A MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO NA LÍNGUA  
KAINGANG: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.a Dr.a Gislaine Domingues  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda  
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

Aos Kaingang.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por ter permitido que eu tivesse sabedoria e determinação para realizar este trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Silveira, por todo o ensinamento, pelas orientações e pela ajuda em todo esse percurso na minha vida acadêmica.

À Prof.a Dr.a Maria José Guerra, membro da banca, por tudo que me ensinou, pelas oportunidades e que sempre me incentivou muito.

Ao Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda que contribuiu imensamente com esta pesquisa.

À Prof. Mestre Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, por toda a paciência, por todo trabalho, incentivo e por ajudar sempre.

Aos colaboradores Léia Sãgãh da Silva de Oliveira, Tiago Pÿn Tánh de Almeida e Alexandrina Fyrá de Almeida, por toda contribuição e disponibilidade.

Ao povo Kaingang, por nunca desistir em qualquer dificuldade.

À minha família, meus pais e avós.

E, por fim, a todos os meus amigos, por sempre me incentivarem e por todo o apoio em momentos de descontração.

ZILLI, Leticia Gabriele Zilli. **A Morfossintaxe da negação na Língua Kaingang: uma análise preliminar.** 2024. 90f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## RESUMO

A presente dissertação funda-se a partir de teóricos do Funcionalismo, Payne (1985, 1997) e Givón (1979, 2001), com base em seus estudos sobre a negação. Partindo disso, o trabalho visa estudar as formas de negação da língua Kaingang, com o objetivo geral de descrever os processos morfossintáticos envolvidos na formação de construções negativas na língua Kaingang, demonstrando uma compreensão sobre como a negação é expressa nessa língua indígena brasileira, o que permitirá contribuir, por meio da descrição linguística, com a elaboração de uma Gramática Pedagógica da língua. Essa gramática é muito relevante, pois a comunidade Kaingang da Terra Indígena Apucarantina, localizada próximo a Tamarana-PR carece de materiais pedagógicos para o ensino da língua materna, portanto a elaboração de uma gramática da língua, se faz necessária. Diante disso, foram escolhidos exemplos de negação da obra *Brilhos na Floresta*, de Noêmia Ishikawa, de gravações feitas na Terra Indígena Apucarantina, dos registros em glossários e exemplos de orações feitos quando dos primeiros contatos dos não indígenas com os Kaingang, bem como de alguns versículos da Bíblia. Os resultados mostram que a língua Kaingang possui várias partículas negativas, como *tũ*, *tũm*, *tũg*, *vó*, *nejé*, *ker*, *jãtũ*, *pijé*, cada qual com uma particularidade, sendo a palavra *tũ* considerada padrão em orações declarativas.

**Palavras-chave:** Kaingang; Linguística; Gramática; Negação.

ZILLI, Leticia Gabriele Zilli. **The Morphosyntax of negation in the Kaingang Language: a preliminary analysis**. 2024. 90f. Dissertation (Master's in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

### **ABSTRACT**

This dissertation is based on Functionalism theorists, Payne (1985, 1997) and Givón (1979, 2001), based on their studies on denial. Based on this, the work aims to study the forms of negation in the Kaingang language, with the general objective of describing the morphosyntactic processes involved in the formation of negative constructions in the Kaingang language, demonstrating an understanding of how negation is expressed in this Brazilian indigenous language, which will allow us to contribute, through linguistic description, to the development of a Pedagogical Grammar of the language. This grammar is very relevant, as the Kaingang community of the Apucarantina Indigenous Land, located near Tamarana-PR, lacks pedagogical materials for teaching the mother tongue, therefore the development of a grammar of the language is necessary. In view of this, examples of denial were chosen from the work *Brilhos na Floresta*, by Noêmia Ishikawa, from recordings made in the Apucarantina Indigenous Land, from records in glossaries and examples of prayers made during the first contacts of non-indigenous people with the Kaingang, as well as from some Bible verses. The results show that the Kaingang language has several negative particles, such as *tũ*, *tũm*, *tũg*, *vó*, *nejé*, *ker*, *jätũ*, *pijé*, each with a particularity, with the word *tũ* considered standard in declarative sentences.

**Keywords:** Kaingang; Linguistics; Grammar; Negation.

## LISTA DE ABREVIATURAS DAS GLOSAS

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
ADVERT	advertência
ANÁF	anáfora
ASP	marcador de aspecto
DEM	pronome demonstrativo
F	feminino
FUT	futuro
HAB	habitualmente
IMP	imperativo
INDEF	indefinito
LOC	locativo
M	masculino
MS	marcador de sujeito
NEG	negação
PERG	marcador de pergunta
PL	plural
POSS	pronome possessivo
PROIBIT	proibitivo
RECÍPR	recíproco
SG	singular
TERMIN	terminativo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa geral das aldeias Kaingang.....	22
Figura 2: Distribuição das línguas do Tronco Macro-Jê .....	25

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Vogais orais.....	11
Quadro 2: Vogais nasais .....	11
Quadro 3: Consoantes oclusivas.....	11
Quadro 4: Consoantes contínuas.....	11
Quadro 5: Composição do Tronco Macro-Jê .....	23
Quadro 6: Ordem das palavras na Língua Kaingang .....	27
Quadro 7: Paradigma verbal do verbo <i>comer</i> nos tempos presente, passado, futuro e imperativo.....	52
Quadro 8: Paradigma verbal do verbo <i>comer</i> nos tempos presente, passado, futuro e imperativo.....	53
Quadro 9: Orações Simétricas em Kaingang .....	77
Quadro 10: Oração Simétrica em Kaingang.....	78
Quadro 11: Oração com o verbo <i>tũg</i> em Kaingang .....	78
Quadro 12: Orações com negação proposicional em Kaingang .....	79
Quadro 13: Oração com negação analítica em Kaingang.....	79
Quadro 14: Oração com negação lexical em Kaingang .....	79

## NOTAS SOBRE A ORTOGRAFIA KAINGANG

Ursula Wiesemann, na década de 1960, grafou o sistema ortográfico da língua Kaingang, juntamente com uma equipe de professores Kaingang. Esse sistema é o adotado pelos professores bilíngues nas escolas das Terras Indígenas. Seguem quatro quadros com a correspondência fonema-(alofones)-grafema, uso variável das formas pronominais tu/você para 2º pessoa retiradas de Almeida (2008):

Quadro 1: Vogais orais

<b>Fonemas</b>	/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ə/	/ɔ/	/o/	/u/	/ʔ/
<b>Grafemas</b>	i	e	é	a	Á	ó	o	u	y

Fonte: Ferro (2021, p. 22), baseada em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 2: Vogais nasais

<b>Fonemas</b>	/ĩ/	/ẽ/	/ã/	/õ/	/ũ/
<b>Grafemas</b>	ĩ	ẽ	ỹ	ã	ũ

Fonte: Ferro (2021, p. 22), baseada em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 3: Consoantes oclusivas

<b>Fonemas</b>	/p/	/m/	/t/	/n/	/ŋ/	/k/	/ŋ/	/ʔ/
<b>Grafemas</b>	p	m	t	n	nh	k	g	'
<b>Alofones</b>		[m] [ <sup>m</sup> b] [b <sup>m</sup> ] [b <sup>m</sup> b] [p]		[n] [ <sup>n</sup> d] [d <sup>n</sup> ] [d <sup>n</sup> d] [t]	[ŋ] [ <sup>n</sup> di] [id <sup>n</sup> ] [id <sup>n</sup> di] [it] [itj] [iŋ]		[ŋ] [ <sup>n</sup> g] [g <sup>n</sup> ] [g <sup>n</sup> g] [k]	

Fonte: Ferro (2021, p. 22), baseado em Almeida (2008, p. 38).

Quadro 4: Consoantes contínuas

<b>Fonemas</b>	/f/	/w/	/r/	/ʃ/	/j/	/h/
<b>Grafemas</b>	f	v	r	s	j	h

Fonte: Ferro (2021, p. 22), baseada em Almeida (2008, p. 38) e Kindell ([1961] 2008, p. 2).

Segundo Ferro,

- <m> representa o fonema /m/, que apresenta o alofone [m] junto de vogal nasalizada, os alofones [<sup>m</sup>b], [b<sup>m</sup>] e [b<sup>m</sup>b] quando “seguidos de vogal oral e [p] quando seguido por consoante surda”; por exemplo: *mĩg*, *tam*, *mág*, *kome* e *kam ke*, respectivamente.
- <n> representa o fonema /n/, que apresenta o alofone [n] junto de vogal nasalizada, os alofones [<sup>n</sup>d], [d<sup>n</sup>] e [d<sup>n</sup>d] quando

acompanhados de vogal oral e [t] quando “seguido por consoante surda”; por exemplo: *nĩě, na, ján, kanér* e *hun ke*, respectivamente.

- <nh> representa o fonema /ɲ/, que apresenta o alofone [ɲ] junto de vogal nasalizada, os alofones [ʰdi], [idʰ] e [idʰdi] quando acompanhados de vogal oral, [it] seguido de consoante surda que não seja <f>, [itj] seguido de <f> e [iɲ] entre vogal nasalizada e <f>; por exemplo: *nhỹ, nhinsu, inh, kanhin* e *tãnh fej*<sup>1</sup>.
- <g> representa o fonema /ŋ/, que apresenta o alofone [ŋ] junto de vogal nasalizada, os alofones [ʰg], [gʰ] e [gʰg] quando acompanhados de vogal oral e “[k] quando seguido por consoante surda”; por exemplo: *gĩr, ga, még, kaga* e *kygpe*, respectivamente (Ferro, 2021, p. 23).

---

<sup>1</sup> Essa mudança fonológica não ocorre no dialeto falado no Apucarantina.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
Objetivos gerais e específicos .....	15
Justificativa .....	15
Metodologia .....	15
<b>1 O POVO KAINGANG</b> .....	<b>20</b>
1.1 Terra Indígena Apucarantina .....	21
1.2 A língua Kaingang .....	23
1.3 Características tipológicas da Língua Kaingang .....	26
<b>2 ESTADO DA ARTE</b> .....	<b>31</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>34</b>
3.1 A negação para a gramática funcionalista .....	49
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>52</b>
4.1 ADVÉRBIOS DE NEGAÇÃO .....	52
4.1.1 Tũ, Tũm, Tũg .....	52
4.1.2 Vó .....	59
4.1.2.1 Vó “isolado” (negação absoluta) .....	59
4.1.2.2 Vó em início de oração (desiderativo negativo) .....	61
4.1.2.3 Vó vễ (“Não é isso”) .....	61
4.1.2.4 Vó mỷ vó (negação disjuntiva exclusiva) .....	62
4.1.3 Nejú .....	65
4.1.4 Pi, Pijé .....	66
4.1.5 Jatũ .....	67
4.2 VERBOS DE SENTIDO NEGATIVO .....	67
4.2.1 Kākán ke (não alcançar, faltar) .....	68
4.2.2 Kãnũ (não alcançar, ficar curto, não chegar até lá) .....	68
4.2.3 Ker (cuidado para não) .....	69
4.2.4 Ker ... hễ (Não faça isso de jeito nenhum!) .....	69
4.2.5 Mỷ, Mỷ e, Mỷ ã, Mỷ kóreg (não gostar de) .....	71
4.2.6 Vãnh (não querer, não poder, não conseguir, não estar acostumado a) .....	72

4.2.7	Kã kyn ké (não alcançar, não poder, não conseguir).....	73
4.2.8	Jãvãnh (não saber fazer, recusar, não querer).....	73
4.2.9	Ha' (não sei) .....	74
4.2.10	Ki kagtĩg (não saber, não conhecer).....	75
4.2.11	To jykřén tũ (não entender).....	76
4.2.12	Nén ũ tũ jég tĩ (não se importar) .....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>		<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a negação da Língua Kaingang que é falada na Terra Indígena Apucarantina, no estado do Paraná. Os Kaingang estão entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil, pertencem a família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê e também apresentam diferentes dialetos que são divididos por regiões distintas do Brasil.

Quando iniciei o curso de Letras e entrei para o projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia” e “Caderno de Teorias da Linguagem 2”, tive meus primeiros contatos com a língua Kaingang e desde esse momento resolvi estudá-la, bem como o modo como ela funcionava. Além disso, meu trabalho poderia ajudar muito a população indígena, por colaborar com a elaboração de uma gramática pedagógica da língua Kaingang, que é o objetivo principal de um dos projetos de pesquisa de que participei.

Entre os gramáticos, linguistas e estudiosos da língua, a negação é um assunto relevante e muito significativo no cotidiano dos indivíduos. Os autores que apresentam a negação e as diferentes linhas teóricas abordam o assunto de formas variadas.

A negação é abordada por Payne (1985, 1997) e Givón (1979, 2001), por exemplo, que destacam diferentes tipos de realizações negativas, tipos de negação existentes, bem como apresentam exemplos de diferentes orações. Os autores classificam esse tema de formas variadas; por essas questões é um tema que merece ser estudado e precisa ganhar destaque.

Observamos que os indígenas do Brasil são diferentes de nós e diferentes também entre si, cada um apresenta seus costumes suas habilidades e crenças religiosas.

Por meio desse trabalho sobre a negação em Kaingang, a pesquisa tem a intenção de colaborar com o aumento das pesquisas em línguas indígenas brasileiras, como o Kaingang, e também colaborar na elaboração de uma gramática pedagógica para que, assim, professores e alunos indígenas tenham também um material para uso em sala de aula, fruto de pesquisa científica.

## **Objetivos gerais e específicos**

Esta pesquisa tem como objetivo geral descrever os processos morfossintáticos envolvidos na formação de construções negativas na língua Kaingang, proporcionando uma compreensão preliminar sobre como a negação é expressa e estruturada nessa língua indígena brasileira.

Dessa forma, como objetivos específicos, esta pesquisa busca: i) descrever a morfologia da negação na língua Kaingang; ii) identificar e descrever verbos de sentido negativo na língua Kaingang; iii) examinar a posição dos morfemas de negação em relação ao verbo e outros elementos da oração; iv) investigar a estrutura sintática das sentenças negativas.

## **Justificativa**

A pesquisa é relevante porque a língua Kaingang, como muitas línguas indígenas, enfrenta riscos de desaparecimento. Assim, a documentação de aspectos gramaticais, como a negação, é crucial para a preservação e revitalização da língua. Além disso, a análise linguística pode contribuir para a teoria linguística geral, proporcionando dados novos e variados sobre as formas como as línguas humanas expressam negação, bem como contribuir para a discussão acerca da negação em línguas indígenas; para a divulgação de material descritivo que possa ser utilizado em futuras pesquisas linguísticas e em iniciativas de revitalização da língua; para a preservação e documentação da língua Kaingang; e para a elaboração de uma Gramática Pedagógica da Língua Kaingang, importante para o uso de professores e estudantes na sala de aula, bem como para pesquisadores.

## **Metodologia**

Comecei o curso de licenciatura em Letras Português na Universidade Estadual de Londrina em 2016, logo quando saí do ensino médio. Foi uma experiência nova entrar para a universidade: tudo era muito diferente, conheci várias pessoas de diferentes idades e logo no primeiro ano gostei de todos os professores.

Assim que iniciei o curso de Letras Português, já pensava em participar de algum projeto de pesquisa, sempre tive vontade de ir para o campo de pesquisa e fui incentivada pelos meus familiares e amigos também.

Então, em 2017, entrei no projeto “Cadernos de Teorias da Linguagem”, com a professora Maria José Guerra e com o professor Marcelo Silveira. Comecei a participar dos encontros semanais, mas, no começo, tive dificuldade para me encaixar em algum tema; com as reuniões acontecendo, contudo, fui pesquisando alguns temas e buscando teorias para ler.

No meu primeiro ano do projeto, era tudo muito novo, até mesmo o processo da pesquisa, mas, com o tempo, fui criando expectativas e ficando mais interessada pelos assuntos que eram tratados no projeto. Depois disso, em 2018 participei do projeto “Cadernos de Teorias da Linguagem 2” e também do projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia”, coordenado pelos professores Maria José Guerra e Marcelo Silveira, respectivamente.

No projeto, sempre estava pesquisando sobre algum tema teórico e também sobre a língua Kaingang, que era muito mencionada; assim fui me aprofundando nos estudos sobre as classes gramaticais, culminando em minha participação no “Simvale: II Simpósio de Variação Linguística e Ensino”, onde fiz uma apresentação sobre as classes gramaticais.

Finalizei, então, a graduação em Letras Português e ingressei no curso de Mestrado em Estudos da Linguagem em 2021. Tomei a decisão de pesquisar sobre a língua Kaingang, uma língua com a qual eu tinha contato; minha pesquisa faria diferença para os indígenas.

Visto que Wiesemann desenvolveu uma escrita para a língua junto com alguns monitores bilíngues que estudaram na Escola Clara Camarão e, também junto com a comunidade, escreveu um dicionário para ser distribuído nas escolas das Terras Indígenas Kaingang e colheu exemplos para o Dicionário Bilíngue Kaingang-Português | Português-Kaingang (Wiesemann, 2011), dentre os quais negações que fazem parte da língua dos Kaingang e são utilizadas por eles em seu cotidiano.

Para Givón (2001), antes de analisar a fala natural, é necessário ter um conhecimento prévio acerca da morfologia e da estrutura da oração, pois, sem este conhecimento, não é possível começar a analisar a fala natural dos indivíduos. Partindo disso, refleti sobre o estágio em que se encontra a língua Kaingang, se já seria possível usar exemplos mais próximos de uma fala natural ou se ainda era preciso usar de elicitación. Percebi que esse seria um ponto decisivo na metodologia do meu trabalho. Dessa forma, junto com meu orientador, conclui que, com os

trabalhos já realizados por outros pesquisadores, seria possível fazer a análise desse aspecto gramatical em si, com base em uma coleta de dados mais próxima de uma fala real, dentro de um contexto, seguindo os pressupostos funcionalistas da linguagem.

Sobre o assunto, Payne (1997) diz que tanto a elicitación quanto a coleta de textos têm vantagens e desvantagens, e ambas são essenciais para a linguística descritiva. O autor define a elicitación como uma coleta de amostras da língua a partir de situações hipotéticas de comunicação e o texto como uma amostra não hipotética.

Procurando alcançar dados mais próximos de uma fala real e contextualizada, optamos primeiramente pela coleta de textos gravados.

Os bons dados de texto não são controlados, são abertos e dinâmicos. Um texto conterà formas que nunca aparecem na elicitación. Ele também conterà formas que aparecem na elicitación, mas algumas vezes em usos claramente diferentes e outras vezes sutilmente diferentes. (PAYNE, 1997, p. 366)

Ainda assim, de acordo com as ideias de Dixon (2007, p. 11), “A única maneira de compreender a estrutura gramatical de uma língua é analisar textos gravados nesse idioma (não perguntando como traduzir sentenças da língua franca)”.

Contamos com um levantamento bibliográfico de teóricos do Funcionalismo, do qual fazem parte Thomas Payne (1997) e Talmy Givón (1979, 2001), ambos essenciais para a pesquisa, pois partimos de vários pressupostos enunciados por eles. Também contamos com a bibliografia de Dixon (2010a, 2010b) e Miestamo (2007), ambos essenciais para a pesquisa.

Após esse levantamento bibliográfico, começamos a pesquisar como a negação se apresenta na língua Kaingang. No início do curso de mestrado foram feitas pesquisas diretamente com os moradores da Terra Indígena Apucarantina, para ter um maior contato com a língua Kaingang, como também anotações e gravações *in loco* de experiências pessoais que já são dados do projeto, visto que, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 62), “a gravação eletrônica em vídeo ou áudio tem uma grande vantagem na coleta de dados porque permite ao observador ‘revisitar’ os dados muitas vezes para tirar dúvidas e refinar a teoria que está construindo”.

Além do mais, foram coletados exemplos de negação da obra *Brilhos na Floresta*, de Noêmia Ishikawa, que retrata uma história baseada em fatos reais, que

se passa na floresta amazônica e que, com isso, intenciona à divulgação científica relacionada a fungos bioluminescentes daquela região do país, mas que podem estar presentes nas matas bem próximas de nós. O texto foi traduzido para vários idiomas (japonês, inglês, nheengatu, avá-guarani, yanomami, huarpe, tukano, baniwa, espanhol, francês e kaingang) e se constitui em *corpus* para esta pesquisa a edição nas línguas Portuguesa e Kaingang (ISHIKAWA *et al.*, 2019, 2020) em que a tradução para o Kaingang foi feita por Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, que também respondeu a elicitacões de algumas orações da Língua Portuguesa para o Kaingang feitas por nós.

Utilizando as gravações de histórias da Terra Indígena Apucarantina (outra parte do *corpus*), buscamos também compreender a negação presente na Língua Kaingang oral fazendo um contraste com a língua portuguesa.

Ainda assim, foram utilizadas gravações coletadas do projeto de pesquisa, para que, então, mais exemplos com negações pudessem ser analisados.

As transcrições e as traduções foram realizadas por uma das nossas colaboradoras, a professora mestra Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, que faz parte do mesmo grupo de pesquisa do qual participo desde o início da graduação. Temos o privilégio de contar com uma pesquisadora indígena Kaingang bilíngue (Kaingang/Português) que nos auxilia em todo o processo de pesquisa, também abordagens teóricas sobre a língua e a cultura da sua etnia.

Foram usados também exemplos de textos do Novo Testamento da Bíblia (*Topẽ vĩ rã*) que apresentam orações negativas em Kaingang.

No final do curso de mestrado fui até a Terra Indígena Apucarantina para realizar a coleta de novos dados. Lá a professora Damaris elaborou algumas orações, que foram gravadas com meu *smarthphone*; o teor dos textos foi sobre como funcionava a negação na língua Kaingang, como a negação era tratada antigamente e se, com o passar dos anos, a língua passou por muitas mudanças com relação a esse assunto. Após isso, a professora Damaris fez também realizou as transcrições e traduções de frases utilizadas no dia a dia dos falantes da língua Kaingang do Apucarantina.

Temos o privilégio de contar com uma pesquisadora indígena Kaingang bilíngue (Kaingang/Português) que nos auxilia em todo o processo de pesquisa, desde o contato com a comunidade até a transcrição e discussões teóricas.

A pesquisa tem como método a abordagem qualitativa, pois temos a representação da língua Kaingang como é realizada em seu cotidiano falado e escrito. A pesquisa conta com a coleta de dados feita na Terra Indígena Apucarantina, gravações *in loco* de experiências pessoais colhidas no projeto de pesquisa, exemplos de glossários dos primeiros contatos do europeu com o povo Kaingang (Lima, 1842; Anônimo, 1852; Taunay, 1888; Val Florianiana, 1920;), de artigos, dissertações e teses que descreveram a língua Kaingang em algum aspecto (Almeida, 2008; Abreu, 2009; Nascimento, 2012, 2017; Domingues, 2013; Tabosa, 2014; Ferro, 2021; Alves, 2021; Zilli; Silveira, 2023; Lima, 2023), bem como exemplos de textos escritos como no Novo Testamento da Bíblia (*Topẽ vĩ rã*), do hinário usado na Igreja Evangélica Kaingang (*Jesus mĩ jãn jafã*) e na tradução da obra *Brilhos na Floresta (Vãnh kãmĩ grugru)* (Ishikawa, 2020), feita por Damaris Kanĩnsãnh Felisbino.

Este trabalho é organizado em uma Introdução, em que abordamos rapidamente um panorama sobre os estudos, além de apresentarmos os objetivos gerais e específicos, a justificativa para a confecção deste trabalho e a metodologia empregada nesta pesquisa.

O primeiro capítulo trata brevemente da Terra Indígena Apucarantina, da língua Kaingang e das características tipológicas dessa língua.

O segundo capítulo aborda mais aprofundadamente o estado da arte dos estudos sobre negação em Kaingang.

O terceiro capítulo é composto pelo referencial teórico que usamos para as análises que fizemos no quarto capítulo, que trata justamente da descrição e da análise dos dados. Os dados, por sua vez, foram divididos em duas partes: advérbios de negação, em que apresentamos 5 marcadores de negação, e verbos de sentido negativo, que contém 12 verbos. No final do capítulo 4, apresentamos quadro contrastando parte das orações negativas estudadas, com sua versão afirmativa correspondente.

Em seguida, fazemos as considerações finais do nosso trabalho, que é seguida pelas referências bibliográficas usadas nesta pesquisa.

O capítulo 1, então, vai tratar um pouco do povo Kaingang. Vejamos.

## 1 O POVO KAINGANG

Os Kaingang estão entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A língua Kaingang pertence à família Jê integrante do tronco linguístico Macro-Jê, que, junto ao Xokleng, compõe o ramo Jê Meridional divididos entre Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

A organização social do povo Kaingang é baseada na divisão entre os Kamẽ e os Kanhru. Os Kamẽ são relacionados com a pintura facial com traços compridos e os Kanhru com traços redondos. Entre os Kamẽ, há as seções Kamẽ e Wonhétky, e entre os Kanhru, as seções Kanhru e Votor. Cada metade é definida patrilateralmente, ou seja, os filhos pertencem à metade do pai. Os seres e os objetos também são relacionados às metades (VEIGA, 1994).

Os Kaingang têm uma ligação com a terra e contam a origem de seu povo por meio da história de seus criadores, Kamé e Kanhru. Segundo Nimuendajú (1993, p. 58-59),

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles têm a cor de terra. Numa serra do sertão de Guarapuava, não sei bem onde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou embaixo da terra, onde eles permanecem até agora, e os que aqui em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Kañeru e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañeru e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto em seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, ao contrário eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos em seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram as plantas e os animais, e que povoaram a terra com seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ao clã Kañeru ou ao de Kamé. Todos ainda manifestam sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã Kañeru é malhado, o que pertence ao clã Kamé é riscado. O Kaingang reconhece esta pinta tanto no couro dos animais como nas pernas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas.

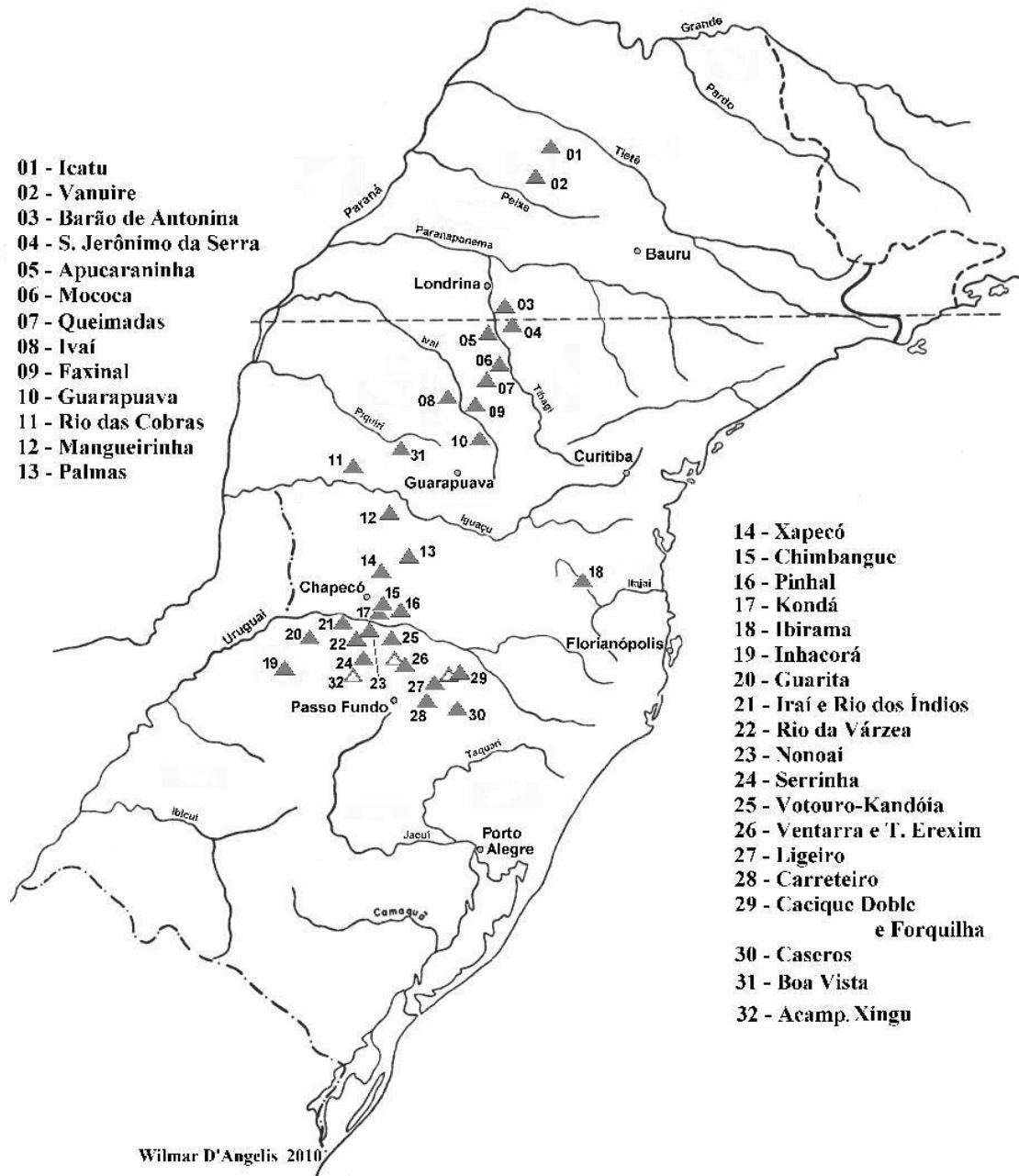
Essa crença apresentada por Nimuendajú se desenvolve de acordo com o modo de viver dos Kaingang, que são divididos em duas metades complementares: os Kamé e os Kanhru. Esses dois grupos fazem parte da organização social do Kaingang, em que cada grupo desempenha uma função. Os Kamé são

considerados de espírito forte, fazem parte de rituais relacionados aos mortos e os Kanhru são responsáveis por guerras e questões políticas.

### **1.1 Terra Indígena Apucarantina**

A Terra Indígena (TI) Apucarantina, é o local onde foi realizada uma parte da coleta de dados desta pesquisa e também onde moram os colaboradores que sempre nos ajudam quando preciso, é composta por quatro aldeias distintas: Sede, Barreiro, Água Branca e Serrinha, e está localizada a aproximadamente 100km de Londrina-PR, no município de Tamarana-PR. Correspondente ao número 5 na figura 1.

Figura 1: Mapa geral das aldeias Kaingang.



Fonte: D'Angelis (2010).

Segundo o SIASI/SESAI (2014), estima-se que existem 1752 habitantes na Terra Indígena (TI) Apucarantina, em uma área de aproximadamente 6300 mil hectares, porém, segundo Felisbino (2018), as lideranças indígenas afirmam que, por haver erro na demarcação, a TI está, na realidade, está muito maior que isso e já apresenta 5300 hectares.

## 1.2 A língua Kaingang

A língua Kaingang é a terceira língua indígena com um maior número de falantes do Brasil, seguindo o Guarani Kaiowá, que é a segunda, e o Tikuna, que é a que tem mais falantes. Com uma comunidade grande e variada, habitando os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os Kaingang também possuem uma linguagem complexa e variada, sendo o foco do nosso estudo a negação nessa língua, a partir de exemplos de negação em língua portuguesa; para isso, apresentamos teóricos como Payne (1997), com uma visão sobre o assunto, que vai além da gramática tradicional.

Antes de analisar a negação em Kaingang, é importante também verificar a língua Kaingang e como ela funciona; assim, abordaremos também o sistema ortográfico dessa língua e como se desenvolve.

As línguas dos povos indígenas do Brasil são ligadas com a expressão individual e social em que esses povos têm vivido. As línguas indígenas também apresentam grandes afinidades entre si, portanto fazem parte de famílias linguísticas, as quais por suas semelhanças genética normalmente participam de um grupo maior, pertencendo a troncos linguísticos. Os maiores troncos linguísticos falados no Brasil são o Tupi e o Macro-Jê.

No quadro a seguir, é representado o tronco linguístico Macro-Jê, em que o Kaingang se insere; este tronco é formado por nove famílias e, de acordo com Rodrigues (2013), está dividido da forma seguinte:

Quadro 5: Composição do Tronco Macro-Jê

TRONCO MACRO-JÊ		
Famílias	Línguas	Dialetos
Família Boróro	Boróro	
	Umutina	
Família Krenák	Krenák	
Família Guató	Guató	

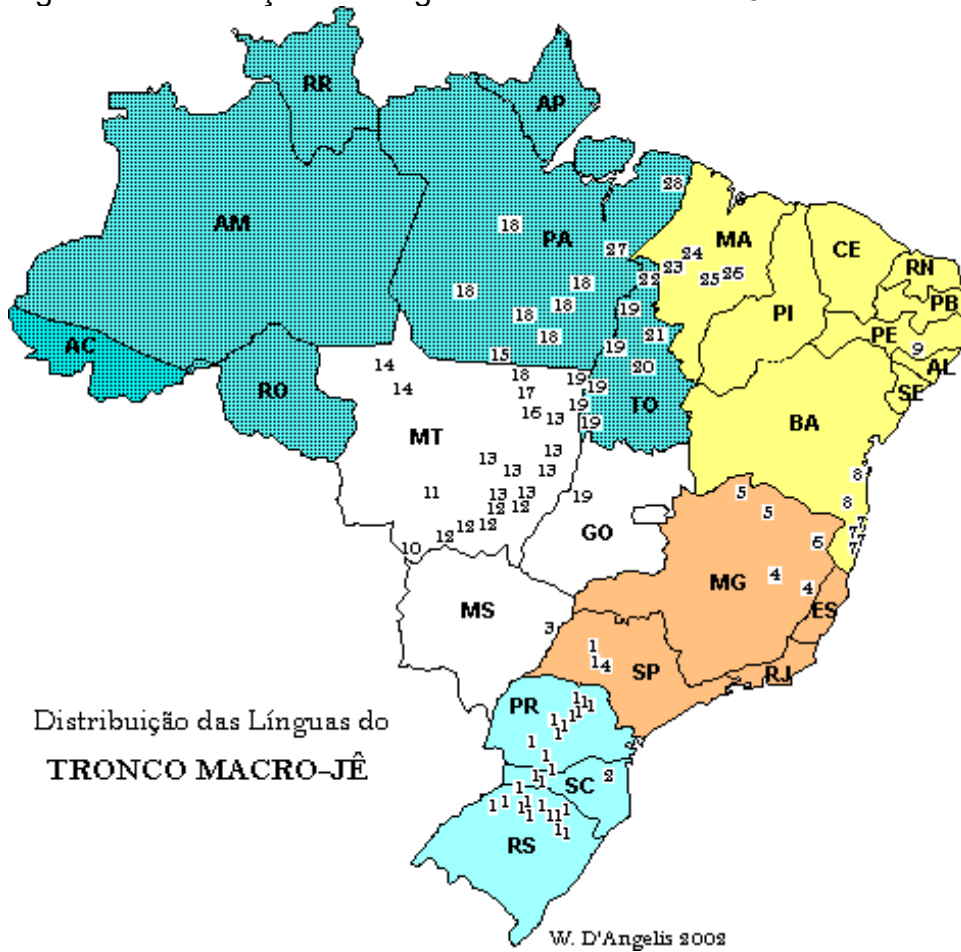
<b>Família Jê</b>	Akwén	Xakriabá Xavánte Xerénte
	Apinayé	
	Kaingang	Kaingáng do Paraná Kaingáng Central Kaingáng do Sudoeste Kaingáng do Sudeste
	Kayapó	Gorotíre Kararaô Kokraimoro Kubenkrankegn Menkrangnoti Mentuktíre (Txukahamãe) Xikrín
	Panará	
	Suyá	Tapayúna
	Timbira	Canela Apaniekra Canela Ramkokamekra Gavião do Pará (Parkateyé) Gavião do Maranhão (Pukobiyé) Krahô Krenjê (Kren-yé) Krikatí (Krinkati)
	Xoklém (Aweikóma)	
<b>Família Karajá</b>	Javaé	
	Karajá	
	Xambioá	
<b>Família Maxakalí</b>	Maxakalí	
	Pataxó Pataxó Hã-Hã-Hãe	
<b>Família Ofayé</b>	Ofayé (Ofayé, Ofayé-Xavante)	
<b>Família Rikbaktsá</b>	Rikibaktsá (Erikpksá)	
<b>Família Yatê</b>	Yatê (latê, Fulniô, Carijó)	

Fonte: Rodrigues (2013, p. 134).

O quadro nos aponta 9 famílias compostas de 22 línguas, das quais se reconhece 26 dialetos.

A ilustração seguinte, de D'Angelis (2002), apresenta as localizações onde se encontram todos os povos Macro-Jê:

Figura 2: Distribuição das línguas do Tronco Macro-Jê



- |                              |                                  |
|------------------------------|----------------------------------|
| 1. Kaingang (RS, SC, PR, SP) | 15. Panará (PA)                  |
| 2. Xokleng (SC)              | 16. Suyá (MT)                    |
| 3. Ofaié (MS)                | 17. Tapayuna (MT)                |
| 4. Krenak (MG, SP)           | 18. Kayapó – Mebengokre (PA, MT) |
| 5. Xakriabá (MG)             | 19. Karajá (GO, MT, TO)          |
| 6. Maxakali (MG)             | 20. Xerente (TO)                 |
| 7. Pataxó (BA)               | 21. Krahô (TO)                   |
| 8. Pataxó Hã-hã-hãe (BA)     | 22. Apinayé (TO)                 |
| 9. Yatê / Fulniô (PE)        | 23. Krikati (MA)                 |
| 10. Guató (MT)               | 24. Pukobyé (MA)                 |
| 11. Umutina / Bororo (MT)    | 25. Apaniekra (MA)               |
| 12. Bororo (MT)              | 26. Rankokamekra (MA)            |
| 13. Xavante (MT)             | 27. Kreyê (PA)                   |
| 14. Rikbaktsa (MT)           | 28. Parakateyê (PA)              |

Fonte: Domingues (2013, p. 51), adaptado de D'Angelis (2002).

Para Wiesemann (2011), a língua Kaingang apresenta cinco dialetos: o dialeto São Paulo, falado ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo; o dialeto Paraná, que é falado nas áreas entre os rios Paranapanema e Iguaçu; o dialeto Central, falado nas áreas entre os rios Iguaçu e Uruguai; o dialeto Sudoeste

falado ao sul do rio Uruguai e ao oeste do rio Passo Fundo e o dialeto Sudeste, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo Central, dialetos que variam apenas na pronúncia ou que apresentam palavras distintas para expressar uma mesma coisa.

Pensa diferentemente D'Angelis (2009), dizendo que essa classificação não é muito segura, visto que, no Paraná, a população Kaingang não é tão homogênea quanto parece; em Santa Catarina, a cidade de Xapecó sempre foi um ponto de passagem e contato dos intergrupos, do Paraná com Rio Grande do Sul, pelo menos desde o século XIX; no Rio Grande do Sul, o município de Nonoi tem mais afinidade histórica e política com Votouro do que com Guarita e Inhacorá; e Cacique Doble, Ligeiro e Carreteiro têm muitas relações históricas comuns, que os distinguem de Votouro, com eles agrupados no "Dialeto Sudeste".

A situação em relação à língua falada varia de uma terra a outra: há comunidades onde todos são falantes do Kaingang, noutras são falantes do português com exceção dos mais velhos, que são bilíngues e, em outras, a maioria da população é bilíngue ou falante do português. Mesmo com essas variações, percebe-se que os Kaingang, em geral, passaram a valorizar o uso da língua materna como um elemento importante, politicamente, para afirmar a legitimidade de suas lutas pela terra (PIB, 2021).

Em se tratando de educação escolar indígena, ela é muito relevante, visto que o povo Kaingang almeja instrumentalizar as lutas do povo indígena, para que, então, a língua seja preservada. Dessa forma, existe uma mobilização em torno de políticas públicas para uma educação em que haja transmissão dos conhecimentos tradicionais, culturais e étnicos sobre o povo Kaingang e sua língua.

### **1.3 Características tipológicas da Língua Kaingang**

A ordem oracional canônica da língua Kaingang, realizada com sujeito nominal, é sujeito, objeto e verbo (SOV). Essa ordem sofre alteração quando o sujeito for pronominal, alternando esta ordem para objeto, verbo e sujeito (OVS).

De acordo com Alves (2021), o "sujeito das orações na Língua Kaingang recebe uma marca morfológica específica de sujeito" (Alves, 2021, p. 35); no caso de orações com sujeitos pronominais, poucos são os marcadores de sujeito que indicam essa função sintática.

Um exemplo de frase com sujeito nominal (quando a posição é ocupada por um substantivo) é:

**S O V**

*João vỹ mĩg tãnh*

João MS onça matar

“João matou a onça”.

(Souza, 2022, p. 38)

Nessa primeira oração, é possível notar que ocorre a marcação de sujeito *vỹ* após o substantivo *João*; por outro lado, a oração não apresenta essa marcação quando o sujeito está no final da oração, ou seja, quando o sujeito é pronominal, como podemos ver na oração seguinte:

**O V S**

*Gãr fãñ 3SG*

milho colheu ela

‘Ela colheu o milho’

(Souza, 2022, p. 59)

Percebe-se, a estrutura OVS da segunda oração, devido à presença do pronome pessoal ocupando a posição de sujeito; este, por sua vez, não tem morfema que indique sua função sintática.

Quadro 6: Ordem das palavras na Língua Kaingang

<b>Transitividade verbal</b>	<b>Sujeito nominal</b>				<b>Sujeito pronominal</b>			
monovalentes	Sn		V		V	Sp		
bivalentes	Sn		Od	V		Od	V	Sp
trivalentes	Sn	Oi	Od	V	Oi	Sp	Od	V

Fonte: Adaptado de Grabim (2020).

Alves (2021) nos apresenta, no quadro 6, o resumo das ordens dos componentes das orações simples em Kaingang, com sujeito nominal e pronominal:

[...] que as orações sempre apresentam sujeito; que o objeto direto sempre antecede o verbo, independentemente da classe gramatical do sujeito, se nominal ou pronominal; o sujeito nominal sempre vem antes do verbo e antes dos objetos, quando há; o objeto indireto fica à direita do sujeito nominal; quando o sujeito é pronominal, localiza-se no final da oração, exceto quando há objeto indireto, caso em que o sujeito

pronominal se localiza antes do objeto direto, e o objeto indireto antes do sujeito pronominal, iniciando a oração (ALVES, 2021, p. 36).

Nos exemplos a seguir, vemos como os verbos na língua Kaingang se comportam, tendo como ponto de partida suas valências, que classificam os verbos como monovalentes, bivalentes e trivalentes.

Segundo Souza (2022), os verbos monovalentes apresentam um “lugar vazio” para completar seu sentido, no caso, o lugar do sujeito, como nestes exemplos: “Eu caí”; “Nós chegamos”. Eles podem ser associados aos verbos intransitivos (aqueles que possuem sentido completo e não necessitam de complemento verbal). A diferença entre a visão que se tem do ponto de vista da valência e da transitividade é que na transitividade somente os complementos do verbo são considerados, enquanto a transitividade contempla também a presença ou não do sujeito na oração.

No exemplo *Gĩr vỹ fỹ* (‘o menino chorou’), o sujeito é nominal, sendo a ordem, em ambas as línguas, **S V**.

*Gĩr*      *vỹ*      *fỹ*  
menino   MS    chorar

“O menino chorou”

(Souza, 2022, p. 35)

Podemos perceber que, diferentemente do português, a oração em Kaingang possui o marcador de sujeito *vỹ*, que, na estrutura frasal, é dependente de *gĩr*, menino, porém a ordem **S V** é a mesma.

Em oração com sujeito pronominal, a posição do é no final da oração, como no seguinte exemplo:

*Ter*      *ti*  
Morrer   3MSG

‘ele morreu’

(Souza, 2022, p. 26)

Assim, com o sujeito no final dessa oração com verbo monovalente, a ordem dos constituintes é **V S**.

Com relação aos verbos bivalentes, Souza (2022) explica que se trata de verbos que apresentam dois “lugares vazios” para completar seu sentido (na

gramática tradicional: o sujeito e o objeto). Vejamos novamente um exemplo com sujeito nominal, agora com o foco na valência:

*João vỹ mĩg tãnh*

João MS onça matar

“João matou a onça”

(Souza, 2022, p. 38)

Nesse exemplo, a oração é classificada como bivalente de acordo com a gramática de valências e tem a seguinte estrutura **S O V** em Kaingang e **S V O** em Português.

Vejamos agora um exemplo de oração com verbo bivalente e sujeito pronominal, cuja ordem dos constituintes é **O V S**.

*Pirã ko fi*

peixe comer 3FSG

‘Ela comeu o peixe.’

(Souza, 2022, p. 40)

Os verbos trivalentes são aqueles que possuem três “lugares vazios” para completar seu sentido. Exemplo: *Jandira fi vỹ gĩr mỹ vễjễn nĩm* (‘Jandira deu comida para o menino’).

*Jandira fi vỹ gĩr mỹ vễjễn nĩm*

Jandira F MS menino.para comida dar

“Jandira deu comida para o menino”

(Souza, 2022, p. 46)

Esta estrutura, contrastivamente falando, é bastante diferente da do português, visto que somente o sujeito pronominal mantém sua posição, no início da oração; os objetos têm posição invertida em relação ao português; e o verbo, que em português se localiza antes dos objetos, em Kaingang se localiza depois deles. Assim, vemos a ordem inteira do predicado invertida e o sujeito permanecendo no início da oração, com a seguinte estrutura **S Oi Od V**.

Vejamos, então, uma oração cujo verbo é trivalente e cujo sujeito é pronominal.

*Inh mỹ ti manỹnỹ vã*

1SG para 3M.SG banana carregou

‘Ele carregou banana para mim.’

Como já apontado no quadro 6, a ordem dos constituintes, neste caso, é **Oi S Od V.**

Partamos, agora, para o capítulo 2, em que verificamos o estado da arte das pesquisas sobre a negação em Kaingang.

## 2 ESTADO DA ARTE

Este capítulo apresenta pesquisas que apresentam a negação em Kaingang, porém nenhuma delas dá ênfase exclusivamente ao assunto.

O primeiro material escrito sobre a língua Kaingang data de 1842, quando Francisco das Chagas Lima relata o contato que teve com essa etnia, em Guarapuava. O padre apresenta ao leitor a conjugação do verbo *comer* no tempo presente e futuro, na afirmativa e na negativa. As conjugações verbais negativas apresentam a negação *tom* (provavelmente *tũ* ou *tũm*, que encontramos em realizações linguísticas atuais, no Kaingang da TI Apucarantina).

Os exemplos dados por este e pelos demais autores apresentados neste capítulo estarão presentes no capítulo 4, “Análise dos Dados”, localizados cada um em tópico conforme a negação que representam (*vó, tũ, jatũ*, etc.).

Em texto anônimo, de 1852, intitulado “Vocabulário da língua bugre”, o autor, sob o verbete, *não* diz o seguinte: “Não, quando negativo antes de verbo ou nome, é, *tom*” (provavelmente *tũ* ou *tũm*). Diz também que, “Quando se nega algum habito de fazer certas cousas”, a negação usada é *eim* ou *uem* (provavelmente *vãnh*). Por fim, o autor que, “quando se responde não absoluto é *ua*” (Anônimo, 1852, s.v. *não*, grifos do autor).

Alfredo d’Escragnolle Taunay, em um vocabulário do dialeto Kaingang de Guarapuava (1888) nos ensina que *não* é *tom* ou *ton* (provavelmente *tũ* ou *tũm*), sempre posposto ao verbo (Taunay, 1888).

Em 1920, o Frei Val Floriana, em seu *Dicionário Kaingang Português Português Kaingang*, apresenta, sob o verbete *não*, as seguintes traduções: “*Ton; piá, pijá; uó; pie, tóg, tót, tó, pè*” (Val Floriana, 1920, s.v. *não*).

A missionária e linguística Úrsula Wiesemann tem grande parcela de contribuição com os trabalhos que fez. No primeiro deles, em 1978, trata de diferenças sintáticas, fala brevemente sobre os negativos, listando as formas preferidas em cada região onde há terras Kaingang. Dividindo as Terras Indígenas Kaingang em 5 regiões conforme os dialetos que identificou, a autora ensina que *tũ* é preferido entre falantes do dialeto Central e do Paraná; como indicador de sujeito, *pijé* e sua variante *pé* são as formas preferidas na mesma região, enquanto também na região Central, no Sudeste e Sudoeste, prefere-se a forma *pi*.

Nos dialetos Central e do Paraná, a construção com *pi* “indica um negativo bem forte”, enquanto nas regiões Sudeste e Sudoeste o sentido de *pi* “é o comum”. Nessas regiões, a negação com *tũ* é pouco usada “e indica um negativo bem fraco”. Já em São Paulo e no Xokleng, ela não encontrou negações com *pijé*; as negações foram exclusivamente usadas com *tũ* (Wiesemann, 1978, p. 213).

Emília Rezende Rodrigues Abreu e Ludoviko Carnascialli dos Santos (2007), em artigo intitulado “Os pronomes na língua Kaingang e a variação na estrutura frasal”, onde os autores analisam a negação em Kaingang em orações no passado, utilizando sujeitos nominais e pronominais, sendo este o foco da pesquisa deles. Nos exemplos os autores indicam que o morfema *tũ* é indicador de negação e está localizado à direita do verbo; no caso, *tũ* é seguido pelo marcador de aspecto *nĩ*. Os dados são da Terra Indígena (TI) Apucarantina, localizada no município de Tamarana-PR.

Ainda em 2007, Gonçalves, que estudou *Aspecto no Kaingang* em TIs do Rio Grande do Sul (Votouro e Nonoai), dá um exemplo de oração negativa com o marcador de sujeito *pi*.

Dando continuidade à apresentação de trabalhos que incluíram a negação em suas análises, Almeida (2008) afirma que o que expressa a negação em Kaingang são os marcadores *tũ* e *nĩ* juntos, sem classificá-los separadamente (indicador de negação + indicador de aspecto, respectivamente), como fizeram Abreu e Santos (2007). A autora, em sua dissertação *A Marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang: Uma proposta de análise*, comenta também sobre o *irrealis* negativo. Os modos *irrealis* indicam as ações que ainda não aconteceram, ou seja, fatos que ainda serão vivenciados, em que o tempo futuro, em Kaingang, é marcado.

No Dicionário Kaingang-Português de Úrsula Gojtéj Wiesemann (2011), a autora exemplifica os 9 tipos de negação que conseguimos detectar.

Nascimento (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada *Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang*, apresenta novamente os dados de Val Floriana, que, ao explicar o imperativo nessa língua, exemplifica com duas possibilidades, e em ambas usa *tũg*.

Domingues (2013) também apresenta exemplos sobre a negação, em sua dissertação *Descrição Morfossintática do Nome e do Verbo no Kaingang*, dizendo que, nessa língua, os verbos recebem termos de negação, corroborando os

trabalhos que comentamos anteriormente, incluindo exemplo também no tempo futuro.

Tabosa (2014), na tese *Orações complexas da língua kaingang*, por sua vez, ensina que em orações coordenadas conjuntivas com coordenador no sintagma nominal *tũ nĩ* é usado nas orações negativas, assim como Almeida (2008). A autora conclui, de acordo com os dados coletados, que orações coordenadas com mesmo sujeito usam somente uma negação, na primeira oração; se os sujeitos das orações são diferentes, porém, a negação acontece em ambas as orações.

No que concerne à coordenação disjuntiva exclusiva (a única que acontece em Kaingang)<sup>2</sup>, o processo se dá de duas formas diferentes: uma para a oração interrogativa e outra para a declarativa, a primeira usando *vó* no final da segunda oração e a segunda usando *tũ nĩ* após o verbo da primeira oração.

Nascimento (2017), por sua vez, também passa panoramicamente (visto que o tema de seu trabalho de pesquisa no doutorado foi a *Evidencialidade em Kaingang*) pela negação e apresenta orações com *tũ* e *pi*. Grande parte dos dados da pesquisa de Nascimento foi feita com a variante da Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul (Zilli; Silveira, 2023, p. 88).

Tendo entrado em contato com pesquisas realizadas anteriormente que mencionaram a expressão negativa em seus trabalhos, partamos para a explicação do referencial teórico usado para a realização deste trabalho, para, em seguida, tratarmos da análise dos dados.

---

<sup>2</sup> A autora informa que Haspelmath (2007) classifica a disjunção nos seguintes tipos: (i) interrogativa, (ii) padrão, (iii) exclusiva, (iv) inclusiva, (v) metalinguística e (vi) de alternância temporal. Para mais informações, ver Tabosa (2014).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Givón (2001) menciona algumas modalidades da negação em que as três perspectivas mais comuns são: lógica condicional de verdade, certeza subjetiva e pragmática comunicativa.

De acordo com o autor (2001), os filósofos têm considerado a negação apenas em termos do seu valor de verdade, ou seja, um operador lógico que inverte o valor da verdade em uma pressuposição. As propriedades lógicas da negação são discutidas em todas as línguas, porém apenas em alguns pontos, pois a negação costuma ir além da lógica.

Quando se considera certeza subjetiva ou força da afirmação, as modalidades se reformulam de maneira diferente; elas entram em contraste com ambas as orações, onde uma pressuposição não é afirmada, mas sim tomada como certa, tendo uma certeza forte ou então apenas afirmada fracamente.

Para Givón (2001), no momento que nos voltamos à pragmática comunicativa da negação, ou seja, para o contexto comunicativo entre duas pessoas, se orações negativas são utilizadas pode surgir uma terceira imagem. Consideremos duas respostas possíveis a uma questão de informação ampla.

a) A: – What's new?

B: – My wife is pregnant.

A: – Congratulations!

b) A: – What's new?

B: – My wife isn't pregnant.

A: – Gee, was she supposed to be? (Givón, 2001, p. 370).

Podemos analisar que a segunda resposta foi inusitada neste contexto e provocou certa confusão enunciatário, em relação às informações que foram compartilhadas. Com isso, percebemos que as afirmações são dadas de acordo com a suposição de que o ouvinte já ouviu sobre isso e bem provável tome como certa a primeira opção.

A oração negativa é um ato de fala contrário, uma negação da capacidade do interlocutor; é possível que sua utilização seja relativa à posição social dos interlocutores.

De acordo com Givón (2001) nas sociedades tradicionais incluindo cidades americanas, as orações negativas são consideradas rudes e são menos frequentes do que em ambientes acadêmicos. Em paradoxo, a própria negação quando combinada com operadores *irrealis* pode ser usada como um dispositivo suavizante diante da percepção de uma autoridade superior. A negação como um dispositivo de redução de tom é mais comumente associada a algum operador *irrealis*, como modal, subjuntivo, condicional ou adverbiais *irrealis*.

A variante mais comum encontrada de negação é chamada de frase verbal negativa, onde o sujeito é excluído do âmbito negativo e pode ser considerada a parte mais importante da frase. Essa variação apresenta características como: negar apenas a parte afirmada, mas não a parte pressuposta e excluir o sujeito do âmbito da negação. É o tipo de negação menos específico e menos focado, deixando fundamentos exatos para negar a afirmativa correspondente.

Givón (2001) menciona os verbos que apresentam modalidade negativa e são referidos como marcadores de negação, alguns verbos propostos são: “*fail*”, “*lack*”, “*refuse*”, “*decline*” ou “*avoid*”, como podemos observar a seguir:

a) *He failed to pass > He didn't pass.*

b) *She avoided doing it > She didn't do it.*

c) *They refused to come > They didn't come*

. (GIVÓN, 2001, p. 283)

Givón (2001) aponta que a maioria das línguas também tem outro tipo de negação sintática que permite que um marcador negativo se ligue a constituintes não verbais da oração – sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicado nominal ou advérbio. Esse tipo é denominado de negação enfática e apresenta o recurso sintático marcado de colocar um marcador negativo em um não verbal constituinte.

Givón (2001) propõe que as categorias de tempo, modo, aspecto e negação se encaixam no subsistema flexional associado ao verbo. A negação ocorre com morfemas agregados aos marcadores de tempo, modo e aspecto, podendo ser indicada por prefixos e também sufixos.

Segundo Givón (2001), uma asserção negativa é um ato de fala diferente daquele de suas afirmativas correspondentes, usado com um objetivo comunicativo diferente das orações afirmativas. As orações afirmativas são utilizadas para passar

uma informação nova e as negativas são usadas para corrigir as inferências que estão erradas, assumindo um equívoco por parte do interlocutor. Nas sociedades em geral, “a discordância aberta e a contrariedade são uma força social perturbadora, e vários meios indiretos são usados para evitar as orações diretas negativas” (Givón, 2001, p. 377, tradução minha).

Em pequenas cidades de algumas sociedades as orações negativas são consideradas rudes e são utilizadas com menos frequência, por isso as pessoas preferem evitar as orações diretas que demonstram alguma negação; porém, se cada expressão se junta com um marcador *irrealis*, acaba ocorrendo uma suavização entre os termos, como em: “Ela não irá trabalhar amanhã”.

Payne (1985), por sua vez, apresenta a negação em Yagua, uma comunidade indígena próxima da fronteira entre a Colômbia e o Peru, perto do porto brasileiro de Tabatinga. Esses indígenas destacam-se por usar ganchos e tridentes em suas atividades de pesca. Igualmente, usam arcos, flechas e zarabatanas, com os quais caçam macacos, bichos preguiça e capivaras para sobreviver.

O autor (1985) evidencia algumas negações que são utilizadas nessa língua e enfatiza a palavra *tiiy*, que é usada como uma interjeição, por exemplo, quando alguém está tentando ligar um motor externo. Além disso, pode ser traduzido também como “não sei” para responder perguntas em que o destinatário não tem resposta.

A palavra *tama* em Yagua pode exercer negação com o sentido de “nunca” ou “impossível” quando combinada com o enclítico “-ta” para realizar perguntas retóricas, ou seja, quando o interlocutor não espera nenhuma resposta.

Payne (1997), por sua vez, ensina que as orações negativas ocorrem para negar ou contra-afirmar alguma pressuposição, o que acontece de forma contrária na frase afirmativa, que serve para negar e causar dúvida, apontando a expressão lexical, morfológica e analítica da negação.

As estratégias negativas mais comuns em qualquer idioma são aquelas usadas para negar uma oração inteira. Chamamos esse critério de negação oracional, por exemplo: “I **didn't** do it” e outros tipos de negação estão vinculados com alguns constituintes específicos nas frases, por exemplo: “I have **no** bananas”, então descrevemos esse fenômeno como negação constituinte. Embora o efeito semântico de ambas as negações seja parecido, a negação constituinte é sempre menos comum como dispositivo gramatical do que a negação oracional.

Payne (1997) aponta que uma característica importante da negação oracional é que a maioria das línguas possui mais de um tipo e a diferença funcional existente entre as várias operações negativas está relacionada com a negação da existência e negação do fato, negação de diferentes aspectos, modos ou atos de fala.

A negação lexical apresenta uma situação em que o conceito de negação é a parte integrante do conceito lexical, da semântica lexical de um verbo específico, por exemplo, o verbo “*faltar*” seria o negativo lexical do verbo “*ter*”, contudo, as vezes é difícil isolar um verbo específico com o negativo lexical de algum outro verbo.

A negação morfológica desenvolvida por morfemas que manifestam uma negação oracional está sempre ligada ao verbo, muitas línguas, por exemplo, a língua Farsi, conforme ilustrado abaixo empregam um prefixo verbal simples.

a) nfl-xar-am

NEG-buy-1SG

“I didn't buy.”

b) fia-mi-xar-am

NEG-PRES-buy-1SG

“I'm not buying.”

(Payne, 1997, p. 283).

Payne (1997) também apresenta a negação analítica. Segundo ele, existem dois tipos: as partículas negativas e verbos negativos principais.

Outras partículas negativas podem variar por tipo de negação, tipo de frase (imperativo vs. declarativo), tempo verbal, aspecto, etc.” (PAYNE, 1997, p. 284, tradução minha).

As partículas negativas são relacionadas ao verbo principal da oração e também podem ser invariantes, como na negação em inglês “not ou n't”:

As partículas negativas são normalmente associadas ao verbo principal da oração. No entanto, elas também podem ser clítics em nível de cláusula. As partículas negativas podem ser invariantes, como o inglês “not ou n't” ou russo “ne” (PAYNE, 1997, p. 284, tradução minha.)

Algumas partículas variam por modelos de negação ou de frases; no português, por exemplo: *não*, *nem*, *nunca* e *jamais*. As partículas negativas em espanhol que apresentam variação são: *no*, *nunca*, *jamás* e *tampoco*. No francês, a negação é construída com duas palavras “*ne*” e “*pas*” antes e depois do verbo ou do

verbo auxiliar, apesar de na fala informal o uso obrigatório seja do “*pas*” depois do verbo. No Kaingang, os termos *tũ* e *nĩ*, quando estão juntos, denotam negação (ALMEIDA, 2008).

A conclusão é que também existem algumas línguas nas quais o marcador de uma oração negativa é perceptivelmente muito fraco. Por exemplo, em inglês a forma contraída da partícula negativa é muitas vezes quase imperceptível, especialmente em certos ambientes, por exemplo, “I can talk vs. I can't talk”. Em qualquer caso, é verdade que as línguas costumam ter múltiplas expressões de negação (PAYNE, 1997, p. 284, tradução minha).

A segunda negação analítica é conhecida pelos verbos negativos principais, onde a negação envolve um verbo e uma oração complementar. Algumas partículas variam por modelos de negação: por exemplo, um verbo negativo terá uma morfologia flexional e ocorrerá na posição normal de um verbo. O verbo afirmativo, ou seja, o verbo que expressa o conteúdo semântico principal da cláusula, será tratado como um verbo complementar.

A parte da oração que está entre colchetes é uma frase complementar, ou seja, um complemento verbal que fornece uma informação completa, este complemento está marcado como *irrealis* e o radical “*ika*” assume a morfologia flexional comum aos verbos principais.

A única diferença na pronúncia das orações em inglês apontadas por Payne está na prosódia: a oração afirmativa é pronunciada, neste caso, com a tônica recaindo sobre o sujeito da oração, enquanto a negativa enfatiza o verbo.

As orações negativas abrangem vários operadores: um afixo e uma partícula; duas partículas; ou uma partícula. Sabemos que as orações negativas são distintas das asserções afirmativas; as línguas, dessa forma, acabam desenvolvendo alguns dispositivos para expressar essa distinção, mas em outros idiomas essa diferença é praticamente insignificante. Esses múltiplos operadores são denominados de expressão múltipla de negação.

No inglês, as expressões negativas apresentam diferenças mínimas, muitas vezes imperceptíveis na escrita, fazendo com que o leitor possa se confundir. Na oralidade, essas expressões não apresentam diferenças, visto que muitas vezes são pronunciadas da mesma maneira.

Na oração negativa acima tanto uma partícula negativa *ne* (reduzida a *n-* antes do existencial) e a partícula *pas* são necessárias para tornar a sentença negativa.

Payne (1997) menciona os diferentes tipos de negação, onde uma partícula ou um afixo negativo apresenta uma variação dependendo do tempo verbal, modo e aspecto. Por exemplo, os imperativos que indicam negação são acompanhados de uma partícula distinta das orações declarativas negativas. Outra diferença comum entre as partículas negativas se dá na comparação entre negativos simples e negativos de existência.

A segunda negação analítica inclui um verbo principal que seja negativo e uma oração complementar.

O verbo afirmativo, ou seja, o verbo que expressa o conteúdo semântico principal da oração, será tratado como um verbo complementar. Isso é, pode ser introduzido por um complementador ou assumir morfologia verbal não finita ou *irrealis* (PAYNE, 1997, p. 287, tradução minha).

O verbo finito será o verbo principal de uma oração, podendo ter também um complemento que assume uma morfologia *irrealis*. Os modos *irrealis* são tempos verbais que não aconteceram, ou seja, fatos que ainda não foram vivenciados, em que a categoria temporal de futuro está associada ao *irrealis*, uma categoria de modalidade que retrata eventos que ainda não aconteceram. Os modos *irrealis* podem ser afirmativos “Eles cantarão” ou negativos “Eles não cantarão”.

Além dos dispositivos primários para expressar uma sentença negativa, existem os dispositivos secundários que acompanham as orações com sentido negativo. Muitas línguas utilizam palavras especiais para indicar a negação da frase, podendo apresentar diferença na ordem das palavras ou mudança no tom de algum termo.

Algumas línguas empregam marcadores especiais de pessoa / número ou tempo / aspecto / modo em verbos em orações negativas. Normalmente são reflexos de estruturas mais antigas na linguagem (PAYNE, 1997, p. 291, tradução minha).

Segundo Payne (1997), a negação derivacional é aquela que as línguas permitirão que um radical seja transformado em seu “oposto” com o uso de alguma morfologia derivacional, em inglês utiliza-se os prefixos “*un*” e “*non*” com este

propósito. Algumas palavras são: *unhappy, unselfish, unreasonable, non-smoker, non-past tense e nonentity*.

Muitas línguas também empregam os quantificadores negativos, em inglês (*none* e *nothing*) ou são negados independentemente da negação oracional (por exemplo, *not many*) e a maioria dos idiomas permite que os quantificadores negativos sejam acompanhados por uma negação oracional.

A inflexão ou flexão é o processo em que uma mesma palavra apresenta diferentes formas. No caso dos nomes, trata-se de flexão nominal, que indica uma flexão relacionada ao substantivo. No caso dos verbos, trata-se de flexão verbal, cujos morfemas usados são indicativos de modo, tempo, número e pessoa; dessa maneira, o verbo pode ser conjugado de várias formas a fim de contemplar as necessidades da língua.

Para Miestamo (2007), o termo “negação padrão” é utilizado como um meio básico em que línguas têm para negar orações que são consideradas verbais declarativas, porém se observa que para muitos linguistas que a gramática está propensa a criar construções diferentes da negação considerada padrão.

Forest (1993 *apud* MIESTAMO, 2007) faz uma distinção entre dois principais tipos de negação: a negação recusativa e suspensiva-reassertiva negação. Na negação recusativa o enunciado negativo acaba sendo dividido em duas partes, sendo uma marcada pela negação e a outra parte por algo positivo do enunciado negativo em questão. Já na negação suspensiva-reassertiva, a suspensividade significa que um dos vários domínios gramaticais são marcados de forma positiva, enquanto uma reafirmação pode dizer que a oração pertence a um modelo declarativo.

Para Miestamo (2007) os negativos se classificam de acordo com dois tipos básicos: os simétricos e os assimétricos, a diferença entre uma e outra são as orações afirmativas e também a presença de marcadores negativos.

As construções simétricas só serão diferenciadas das demais frases através da presença de marcadores negativos existentes e as construções assimétricas apresentam outras diferenças que são consideradas relevantes, por exemplo, o verbo pode ser desverbalizado e apresenta uma ligação entre o verbo finito da oração. Com isso, a negação simétrica é mais comum do que a negação assimétrica utilizadas em várias linguagens, percebe-se que a negação simétrica apresenta uma maior facilidade para o uso no dia a dia das pessoas.

Miestamo ainda propõe explicações funcionais para diferentes tipos de negação padrão. Segundo o autor, existem várias maneiras em que a negação difere da afirmação no nível funcional (em semântica e pragmática). Os seguintes aspectos deste nível funcional assimetria são relevantes para as explicações.

Enquanto nas orações afirmativas podemos relatar estados dinâmicos ou estáticos, no estado negativo conseguimos relatar apenas aquilo que é estativo, ou seja, um estado estacionário de todas as coisas. Para a semântica, as afirmativas irão pertencer ao domínio do realizado e as negativas irão pertencer ao domínio do não realizado.

Então, os negativos simétricos copiam a estrutura linguística da afirmativa e são análogos a essa estrutura afirmativa, já os negativos assimétricos copiam alguns aspectos que são caracterizados uma assimetria de nível funcional entre a afirmação e a negação, sendo assim, são linguagens análogas a essas assimetrias entre os fenômenos funcionais.

Após esse levantamento nas estruturas negativas, Jespersen (1917 *apud* MIESTAMO, 2007) notou que os marcadores negativos tendem a ser colocados antes do elemento que eles negam.

Dahl (1979 *apud* MIESTAMO, 2007) também observa que marcadores negativos tendem a ser colocados em relação ao elemento finito em vez do que em relação a toda a cláusula, e eles tendem a chegar mais perto de o elemento finito possível.

Para Miestamo (2007) as partículas negativas que são utilizadas em orações imperativas receberam menos atenção do que aquelas consideradas como negação padrão, focando apenas nos imperativos singulares.

Em Bagirmi, o imperativo negativo apresenta a mesma construção do imperativo afirmativo e também a mesmo negador como negação padrão.

Em Koasati os imperativos negativos usam prefixos pessoais, diferindo assim das formas verbais encontradas no imperativo positivo e o marcador negativo também é diferente dos marcadores negativos padrão. É digno de nota que, em uma clara maioria das línguas, os imperativos usam uma estratégia negativa que difere da negação padrão.

Orações não verbais e existenciais são muitas vezes negadas por estratégias não padronizadas. Croft (1991 *apud* MIESTAMO, 2007) propõe uma tipologia da relação entre negadores e formas existenciais negativas. Ele encontra em três tipos

distintos de linguagens do mundo: Tipo A em que o existencial comum predicado é negado pelo negador verbal, o tipo B em que há um predicado existencial negativo diferente do negador verbal, e tipo C em que o existencial negativo é idêntico ao negador verbal.

Um pronome indefinido em um determinado idioma serve apenas como funções adjacentes no mapa semântico. O mapa semântico dá conta das funções dos pronomes indefinidos, mas além disso, a tipologia dos pronomes indefinidos negados precisa prestar atenção à ocorrência com padrão negação (que é naturalmente relacionada com a posição do indefinido no mapa semântico).

De Haan (1997 *apud* MESTAMO, 2007) examina vários aspectos da interação entre modalidade e negação. Seu foco central está no escopo relativo dos elementos modais e negativos. A situação em que o elemento modal tem escopo sobre a negação e é exemplificado pelo inglês como “must not” e a situação em que a negação tem escopo sobre o modal no inglês.

De Haan identifica duas estratégias básicas que as linguagens usam para expressar esta diferença: a estratégia de suplementação modal, onde diferentes modais são usados para as diferentes relações de escopo, como nos exemplos em inglês que acabamos de mencionar, e a estratégia de colocação de negação, em que as diferenças de escopo são sinalizadas por uma posição diferente do marcador negativo, como em italiano, onde o elemento de escopo amplo precede o de escopo restrito elemento (*non dovere neg* [deve “não precisa”] vs. *dovere non deve* [neg “deve não”]).

Van der Auwera (2001 *apud* Miestamo, 2007) discute a semântica dos modais negando (necessidade e possibilidade), e examina a lexicalização de diferentes variantes escopal das combinações de modal e a negação em um número de idiomas da Europa e da Índia.

Dahl (1979 *apud* Miestamo, 2007) identifica duas maneiras pelas quais as línguas podem associar negação e foco: o posicionamento negativo dependente de foco e dependente de verbo. O negador é colocado na frente do elemento focado (por exemplo, em russo).

Payne (1985) observa que em algumas línguas a associação da negação e o foco são feitos por meios sintáticos regulares de foco (prosódia, clivagem) (por exemplo, em inglês), mas em alguns idiomas mostram dispositivos especiais para associar negação e foco.

Isso inclui posicionamento relacionado ao foco de negadores por exemplo, em alemão (colocação negativa dependente do foco de Dahl) e formas negativas especiais associadas a elementos focados por fronting (por exemplo, em Galês e Iorubá).

Existem diferenças estruturais entre a oração negativa e oração afirmativa além da presença do marcador negativo; a construção negativa é, portanto, analisada como uma negação assimétrica.

A negação simétrica copia a estrutura linguística formal da oração afirmativa; então, é internamente análoga à estrutura da linguagem afirmativa. Quanto à negação assimétrica, existe uma negação funcional semântica e pragmática, ou seja, a assimetria é externa a à língua entre afirmação e negação, que diferem de acordo com sua estatividade, dinamicidade, realidade e contexto do discurso

Miestamo (2005) comenta sobre o subtipo A/Non/Real que é assimétrico em relação à marcação do *status* de realidade dos eventos, ou seja, a oração negativa é marcada por uma categoria não realizada, diferentemente da oração afirmativa.

A oração declarativa negativa é simétrica com a interrogativa afirmativa, uma vez que ambas as orações diferem apenas pela presença do negativo *mana*. A assimetria A/NonReal é paradigmática e a distinção entre o interrogativo e o declarativo não se perdem em negativas, uma vez que existe uma construção separada por interrogativas negativas. A categoria não realizada envolvida em A/NonReal aponta assimetria e é uma categoria *irrealis* mais geral.

Dixon (2010a) define que as línguas variam na forma como tratam a negação, em que o único mecanismo universal é a negação de uma oração principal; em algumas línguas, essa é a maneira de representar o que é negativo. Já em outras línguas a negação acontece de outra forma, com algumas técnicas, como: sentença negadora, oração subordinada e predicado, além da interjeição *não*, que pode ser utilizada para uma resposta completa de alguma pergunta.

A negação clausal pode ser mencionada por uma palavra separada, por um afixo verbal ou clítico e por um verbo negativo. Dixon (2010a) destaca alguns exemplos dos tipos de negação encontrados em inglês em que podemos comparar:

- Negação com escopo sobre sentença:

a) I don't beat my dog because I love her (I do beat her, but for some other reason)

b) This is [I beat my dog because I love her] neg.

- Negação com escopo sobre cláusula principal:

a) I don't beat my dog, because (I don't beat her, and the reason

b) I love her I don't is that I love her)

(Dixon, 2010a).

Observa-se que as sentenças 1 e 2 possuem padrões diferentes de entonação, onde a vírgula aparece modificando a entonação das orações.

Dixon (2010a) também afirma que muitos prefixos indicam negação, como as palavras: *infeliz* e *desleal*, os prefixos (*in-*) e (*des-*) dão um sentido negativo às palavras, que respectivamente significam não ser feliz e não ser leal; também são vistas como algo desfavorável, um defeito.

Existem outras propriedades gramaticais que são relevantes para a classe de palavras *identificação*. Por exemplo, a negação é muitas vezes marcada de forma diferente em um predicado; é necessário examinar se a mesma forma de negador é usada diante de um substantivo como para um verbo ou para um núcleo do predicado e para um verbo como para um substantivo, em que linguagens apresentam diferentes funções.

De acordo com Dixon (2010b), algumas línguas mantêm o modo imperativo e a polaridade negativa bem separados do *realis/irrealis*. Por exemplo, em Kiowa a distinção entre *realis/irrealis* aplica-se apenas no modo declarativo – não no modo imperativo – e é independente da negação.

A negação oracional na língua de sinais britânica é representada por uma combinação de balançar a cabeça e expressão facial, onde a expressão pode ser feita com os lábios empurrados para fora e os olhos estreitados. Em nível mais extremo, os olhos podem estar quase fechados e a boca virada para baixo ou também curvada.

Para Dixon (2010b), podem existir vários negadores em apenas uma frase, por exemplo, um negador na frase principal e outro na frase complementar:

(a) I didn't notice that John was not at the meeting.

(Dixon, 2010b, p. 91).

Com este exemplo podemos entender que o falante estava muito preocupado com outros assuntos e pode ter deixado de prestar atenção para ver quem estava presente ou ausente na reunião; eis o motivo da negação dupla.

Os testes de negação devem ser estabelecidos em uma base individual para cada idioma existente, pois é muito difícil ter um resultado imediato, em que uma expressão idiomática é uma expressão idiossincrática que, de certa forma, funciona como um item lexical por si só. Algumas expressões incluem um negador, mas a expressão positiva correspondente não é usada.

Segundo Dixon (2010b), muitas línguas têm, para negação da oração principal, uma estrutura gramatical independente, onde há uma forte propensão de partículas negativas estarem no início da oração ou também em qualquer lugar antes do verbo, como em “*do not*”

A colocação de marcadores negativos é de extrema importância. Na sua pesquisa sobre marcação múltipla (“concordância negativa”) em inglês britânico não padronizado, Anderwald (2002, p. 106-109) descobriu que, em cerca de 97% dos casos, um dos negadores *not* ou *-n't* ou *never* ficam na posição canônica (para inglês) de seguir a primeira palavra do auxiliar. Isso está, sem dúvida, relacionado com o universal tendência de colocar um negador da oração principal antes do verbo (muitas vezes, imediatamente antes dele), o que, por sua vez, pode estar ligado à associação entre foco e negação.

Para Dixon (2010b), os verbos que possuem sentido negativo em inglês são divididos em dois conjuntos principais, dependendo se a negação se refere à oração principal ou à negação complementar. O primeiro conjunto dos verbos é aquele em que a negação é implícita de uma cláusula complementar (*doubt*, *forbid*, *deny* e *dissuade*) e o segundo conjunto de verbos com sentido negativo é aquele em que traz a negação implícita da oração principal (*forget*, *fail* e *reject*).

Cada língua apresenta uma construção gramatical para dizer a alguém o que se deve fazer, o imperativo afirmativo, e também para dizer o que não se deve fazer, sendo o imperativo negativo.

O imperativo negativo retrata uma forma mais adequada com certos tipos de verbos do que com outros, por conta de seu significado e efeito pragmático. Em inglês normalmente nos deparamos frequentemente com *don't be angry!* É

indispensável existir alguma circunstância especial para dizer *be angry!*, ou seja, existem verbos que são mais apropriados para utilizar com imperativos negativos.

São consideradas gramaticalmente imperativas as frases que expressam ato ilocutório diretivo, apresentando características formais do modo imperativo e valores como ordem, pedido, conselho, instrução e podem ser realizadas por meio de diferentes formas verbais, na forma de um ato diretivo direto ou indireto.

Cada idioma apresenta uma técnica para negar orações principais; alguns deles não apresentam apenas a palavra *não* para negar uma pergunta, ou seja, é preciso empregar em uma frase completa adequadamente alguma partícula negativa.

Na maioria das línguas todos os tipos de orações subordinadas podem ser negados, da mesma forma que uma oração principal ou de uma forma ligeiramente diferente. Existem algumas maneiras alternativas de marcar uma negação, como: uma partícula antes do verbo principal, um prefixo, um sufixo, por reduplicação ou por mudança de tom.

As palavras indefinidas negativas são bastante raras nas línguas do mundo, na maioria das vezes o negador oracional *não* é usado com algum substantivo genérico como *pessoa* ou *coisa/objeto* ou também com alguma forma indefinida específica como *alguém* ou *alguma coisa*.

Algumas línguas têm um grande número de processos derivacionais para criar lexemas negativos, outros apenas alguns números, e algumas línguas não apresentam nenhuma quantidade de processos derivacionais para criar lexemas negativos. Alguns meios lexicais podem ser usados em uma língua para o que for alcançado morfologicamente em outra.

Em inglês, o conjunto de prefixos negativos abrange vários subtipos de negação, um exemplo seria o prefixo “*un*” que é semelhante aos lexemas negativos, a palavra *unsure* apresenta o prefixo mencionado acima e significa inseguro, ou seja, que não tem estabilidade, incerto, perigoso.

Várias línguas espalhadas pelo mundo não possuem uma forma independente para expressar alguma negação e nem uma forma de polaridade, ou seja, uma resposta esperada para dizer “*sim*” ou “*não*”. Por exemplo, os Jarawara, que pertencem aos povos indígenas que habitam o sul do estado brasileiro do Amazonas e falam uma língua da família Arawá, o sufixo *-ra* é o único negador que o idioma apresenta quando alguma resposta deve ser negativa.

De acordo com J. K. Chambers e Peter Trudgill (1998), algumas variáveis gramaticais são mais simples, um exemplo é fornecido pelo fenômeno da negação múltipla. Na maior parte dos dialetos em inglês, encontramos a ocorrência variável de formas, como:

(1) *I don't want none.*

*He didn't do nothing.*

Alternando com:

(2) *I don't want any.*

*He didn't do anything.*

(Chambers; Trudgill, 1998, p. 50).

Estudos sobre essa característica em vários dialetos ingleses mostram que a maioria dos falantes usam ambas as variantes propostas acima, mas essas variantes se correlacionam com fatores sociais, formalidade da situação, personalidade do falante e faixa etária para serem utilizadas no dia a dia da população.

De acordo com Miranda (2014), a negação sentencial em Krahô se localiza após o núcleo do predicado, na última posição de uma oração, por exemplo:

a) pɛa=mã hiper mẽ h-ɔpe-n **narɛ**

então de.novo plr2-trabalhar-nomlz neg

“Então não houve o trabalhar deles de novo.”

(Então eles não trabalharam de novo)

b) wa há nẽ i j-õ-t **narɛ**

1SG IRR **NEG** 1SG R<sup>1</sup> -dormir-NOMLZ NEG

“Eu não vou dormir”

c) mẽ ku-te krero jat kwər Ø-krɛØ **narɛ**

PL R<sup>2</sup> -OBL inhame batata mandioca R<sup>1</sup> -plantar-NOMLZ NEG

“Eles não plantaram inhame, batata e mandioca.” (Miranda, 2014, p. 151).

Quando o núcleo do verbo de orações declarativas quando são negados, dizemos que são nominalizados, ou seja, temos a criação de um substantivo a partir de qualquer categoria que não seja desta classe gramatical, sendo uma característica que situa Krahô entre línguas que apresentam negação assimétrica.

Em Krahô também é utilizada a negação sentencial, enfática ou marcação dupla de negação, quando é utilizada a locução adverbial *nēe... narɛ*, conforme os exemplos a seguir.

a) ku apu aw j-ahe nē **nēe** paʔ Ø-tɛ āmpɔ Ø-kuran **narɛ**  
 1±2 prog deit r1-caçar ms neg 1±2 r1-obl algo r1-matar-nomlz neg  
 “Nós estamos caçando e não houve o matar de algo por nós”  
 (Nós estamos caçando e não matamos nada)

i Ø-khra apu aj Ø-kri nē **nēe** apu arəjhi mē  
 1sg r1-filho prog deit r2-resguardar ms neg prog arroz assoc  
 khwər, pət=jũʔtɔjɾɛ mē wajĩ āmpɔ ita-je Ø-khur **narɛ**  
 mandioca feijão assoc carne algo dem-pl r2-comer-nomlz neg  
 nē pōhi=pɛj mē jet pit Ø-khu  
 ms milho.branco assoc batata só r1-comer

“Meu filho resguardando não está comendo estas coisas: arroz, feijão e carne, e ele só come milho branco e batata.”

(Meu filho resguardando não está havendo o comer destas coisas: arroz, feijão, carne, e ele só come milho branco e batata)

(MIRANDA, 2014, p. 306)

Em Krahô a negação no modo imperativo ocorre com a utilização do advérbio *nõ*, seguindo o núcleo do predicado, em que a negação acaba por se resultar na mudança de argumentos nucleares, como em:

a) Ø-to Ø-wrək! pĩ Ø-nã a j-ɔpi-r nõ  
 r2-fazer r2-descer árvore r1-em.relação.a 2sg r1-subir-nomlz neg.imp  
 “Desça! Não suba na árvore”  
 (Desça! Não há o teu subir em relação à árvore!)

b) a Ø-ka-r nõ  
 2SG R1-gritar-NOMLZ NEG.IMP  
 ‘Não há o gritar de ti’ (Não grite)

c) iʔ-kura-n nõ  
 R<sup>2</sup>-matar-NOMLZ NEG.IMP  
 “Não há o matar dele (por ti)!” (Não o mate!)



contemplada como um instrumento de interação, atribuindo a comunicação entre os indivíduos.

Para a Gramática Funcionalista, o que merece destaque e chama atenção, segundo Kato e Nascimento (2009), sobre a negação e o que a diferencia dos outros advérbios é a sua posição fixa em uma sentença. Alguns advérbios como *ainda* podem aparecer em várias posições em uma oração, mas com advérbios de negação não podemos fazer isso, pois a sentença se torna confusa, como demonstram os exemplos:

d. Pedro tinha *não* visto o carro.

e. Pedro tinha visto *não* o carro.

A posição da negação antes do verbo faz com que o termo se refira à ação; porém, as orações 'd' e 'e' soam estranhas ao falante se não tiverem uma adversativa na sequência (como em *Pedro tinha não visto o carro, mas a moto*, ou então *Pedro tinha visto não o carro, mas a moto*).

Em alguns dialetos do português brasileiro, a partícula negativa pode aparecer no final de uma sentença, porém Kato e Nascimento (2009) decidem analisar apenas as capitais onde a negação sentencial aparece depois do verbo, como em:

f. – Você viu Pedro?

– Vi *não*.

Além de a negação ter posição fixa em uma sentença, também tem por função inverter a verdade em uma oração, podendo tornar uma sentença falsa, diferentemente dos demais advérbios, que, quando se juntam a outras partículas, podem mudar a interpretação e alterar o sentido da frase, por exemplo:

g. João comprou castanha no Natal.

h. João sempre comprou castanha no Natal.

Podemos perceber que a diferença entre as orações, visto que o advérbio *sempre* alterou o sentido da frase, dando ao leitor outra interpretação para as duas sentenças. A negação, por sua vez, além de ter posição fixa na oração, também mexe com a verdade de uma sentença, como nos exemplos:

j. Eu como pão.

k. Eu *não* como pão.

Sendo assim, a negação não se comporta apenas como um auxiliar, mas como um operador que definirá se a oração é verdadeira ou falsa. Por isso, é necessário atribuir diferenças entre os demais advérbios e os advérbios de negação, por estabelecerem sentidos diferentes quando são utilizados.

Para Kato e Nascimento (2009), as partículas negativas também se cliticizam ao verbo, podendo sofrer uma alteração fonológica, já que necessitam apoiar-se em outro elemento, o verbo, como apresenta o exemplo:

a. Não, Pedro não viu o João, não.

No exemplo acima, a frase possui vários elementos negativos, porém as partículas negativas que estão no final da frase não se comportam como uma negação sentencial. Quando cliticizamos a negação, temos em evidência uma mudança fonológica e a pronunciamos como “num”.

l. Pedro num viu o João.

Nesse sentido, a negação sentencial é cliticizável, já que o elemento negativo pode se cliticizar ao verbo da oração; esse processo, porém, nem sempre precisa acontecer.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Diante do referencial teórico apresentado sobre a negação, foram escolhidas algumas orações em Kaingang que apresentam as partículas negativas encontradas em minha pesquisa, para que pudéssemos fazer a descrição em contexto oracional e apresentar o funcionamento delas na língua.

Na busca pelo verbete *não* no *Dicionário Kaingang – Português / Português – Kaingang* (Wiesemann, 2011), encontramos o indicador de modo *tũ* e a interjeição *vó*. Na sequência, há 10 entradas listadas como verbos negativos, porém sem aparecer a palavra negativa em Kaingang.

Iniciamos com esses verbos de sentido negativo listados por Wiesemann: *não alcançar; não chegar lá; não entender; não faça de jeito nenhum!; não gostar de; não poder; não querer; não saber; não se importar; não sei; não ser apto*.

### 4.1 ADVÉRBIOS DE NEGAÇÃO

#### 4.1.1 Tũ, Tům, Tüg

A negação com *tũ* é a negação padrão na língua Kaingang, ou seja, é a forma mais comum e básica pela qual a negação é expressa em frases declarativas.

Iniciamos este subcapítulo apresentando o quadro de Lima:

Quadro 7: Paradigma verbal do verbo *comer* nos tempos presente, passado, futuro e imperativo

Eu como Tu comes Elle come Nós comemos Vós comeis Elles comem	} <i>Có</i>	Eu não como Tu não comes &c.	} <i>Cótom</i>
Eu comi Tu comeste &c.	} <i>Ahuru có</i>		
Eu comerei Tu comerás &c.	} <i>Coiai que mom</i>	Eu não comerei Tu não comerás &c.	} <i>Coiai que tom</i>
Óome tu Óomam Elles Comamos juntos – <i>Embra có</i>	<i>Acó</i>		

Fonte: Lima (1842, p. 54).

Sabendo que o verbo *comer* é *kó*, então, pelo processo da segmentação morfológica, encontramos a negação *tom* (grafada atualmente como *tũ*) no tempo presente após o verbo e, no tempo futuro, após o elemento *ke*, indicador de futuro.

Identificamos a mesma negação em texto anônimo de Anônimo, de 1852, já mencionado em 4.1.6 e 4.2. O autor diz que “Não, quando negativo antes de verbo e ou nome, é *tom*” e dá o seguinte exemplo:

1) ***Cangatom***

Tirar daí NEG

“Não tires dahi”

(Anônimo, 1852, s.v *não*).

Taunay (1888) também grafa a palavra da mesma forma que os seus antecessores, ou seja, *tom*, porém adiciona uma variação: *ton*.

Eis a lista de verbos com a negação:

Quadro 8: Paradigma verbal do verbo *comer* nos tempos presente, passado, futuro e imperativo

Não	<i>Tom ou ton</i>
Não cace	<i>Tania tom</i>
Não achei	<i>Vaie tom</i>
Não chamei	<i>Timian tom-tim</i>
Não conheço	<i>Kiea-tom</i>
Não é meu	<i>Icion tom</i>
Não está cheio	<i>Tanero tom</i>
Não melhorei	<i>Há tom</i>
Não pégues	<i>Ba tom</i>
Não queima	<i>Porotom</i>
Não quero	<i>Déia</i>
Não gosto	<i>Tikim ecrenhoaim</i>
Não sei	<i>Uá</i>
Não tem nome	<i>Agigi-tom</i>
Não tenho medo	<i>Uin chicameti tom</i>
Não tenho fome	<i>Coquiré tom tinim</i>
Não vá ainda	<i>Viritiné-tom</i>
Não vem	<i>Catimtom</i>
Não vi	<i>Vaictom</i>

Taunay (1888, p. 299-230)

Com exceção de *não quero*, *não gosto* e *não sei*, todos os demais verbos dessa lista são seguidos por *tũ* (na forma grafada como *tom*, de Taunay), por vezes no final da “frase”, por vezes seguidos de marcadores de aspecto.

Prosodicamente falando, *tũ* ganha sempre destaque na oração por ser palavra tônica.

Apresentamos as análises atualizando a glosa e a tradução, quando necessárias.

Veremos que, sem exceção, a negação oracional *tũ* está sempre à direita do verbo, seguido ou não do marcador *nĩ*, o mais comum junto de *tũ*.

2) *João vỹ tĩ tũ nĩ ã ãn ra*  
 João MS ir não ASP 2SG.POSS casa para  
 “João não foi para tua casa” (Abreu; Santos, 2007, p. 1337).

3) *João vỹ ti ãn ra tĩ tũ nĩ.*  
 João MS 3SG.POSS casa para ir não ASP  
 “João não foi para casa dele” (Abreu; Santos, 2007, p. 1337).

Nos exemplos 2 e 3, nota-se que o morfema *tũ* aparece quase sempre seguido do indicador de aspecto *nĩ*. Almeida (2008, p. 89) e Tabosa (2014, p. 207) afirmam que negação é feita pela combinação das duas palavras *tũ nĩ*, e nós completamos *tũ nĩ* e as variações de *nĩ*. Veremos, porém, que há exemplos em que essa combinação não acontece.

Um comentário precisa ser feito com relação ao locativo *ãn ra* (*para casa*): seu posicionamento na oração é bastante livre, pois pode estar no final da oração, no início dela e antes do objeto direto; o único lugar em que nossos colaboradores disseram não ser possível acontecer é entre o objeto direto e o verbo, inseparáveis.

Vejamos mais exemplos de outras pesquisas, de uma obra literária e também de Felisbino, uma de nossos colaboradores.

4) *Hoghog vỹ ogsã prãg tũ nĩ.*  
 Cachorro MS cateto morder NEG ASP  
 “O cachorro não mordeu o cateto” (Almeida, 2008, p. 88).

- 5) *Hoghog vỹ ogsã prãg tũ nĩgtĩ.*  
Cachorro MS cateto morder NEG ASP.ASP  
“O cachorro não mordeu o cateto” (Almeida, 2008, p. 89).
- 6) *Jandira fi gãr fãg tũ nĩ.*  
Jandira F milho colher NEG ASP  
“Jandira não colheu o milho” (Domingues, 2013, p. 85).
- 7) *Jandira fi gãr fãg tũ nĩ ke mũ*  
Jandira F milho colher NEG ASP FUT ASP  
“Jandira não colherá o milho” (Domingues, 2013, p. 85).
- As orações 4 a 7 são consideradas, de acordo com Miestamo (2007), simétricas, pois apresentam o marcador negativo *tũ* modificando a oração de frase afirmativa para negativa.
- 8) *Pedro vỹ Manoel vég tũ nĩ kar kỹ João ti*  
Pedro MS Manoel ver NEG ASP depois João M  
“Pedro não viu Manoel nem João.” (lit.: “Pedro não viu Manoel e depois não viu João.”) (Tabosa, 2014, p. 203).
- 9) *Gĩr vỹ fỹ mãn tũ nĩ ha*  
menino ms chorar de novo NEG ASP agora  
“O menino parou de chorar.” (lit.: “O menino não está chorando de novo agora.”) (Tabosa, 2014, p. 208).
- 10) *Mě mỹ inh jun tũ nĩ. Samano... nỹ hamě?*  
parecer 1SG chegar não ASP sábado MS né  
“Parece que eu não cheguei, no sábado...” (Informação oral, 2019)
- 11) *Prũg ke ã vễ vễ, hãra ã prũg tũ nĩ.*  
Casar FUT 2SG ASP mas 2SG casar NEG ASP  
“Você seria casado, mas não se casou.” (Informação oral, 2019)
- 12) *Ĕg mãg tũ fi nĩ.*  
1PL atacar não 3SG.F ASP.  
“Ela não nos atacou” (Ishikawa *et al.*, 2020, p. 27).

- 13) *Ĕg tỹ ěpỹ tá nén vég mũ kri ģ finh ke tũ nĩ!*  
 Nós MS roça-lá coisa ver ASP em CIMA 2SG deitar.FUT FUT não ASP

“Você não vai acreditar no que vimos lá na roça!” (Ishikawa *et al.*, 2020, p. 27).

Em orações simples, com exemplos de modo *realis* e *irrealis*, vimos, de 4 a 13 a manutenção da posição de *tũ* à direita do verbo e sempre seguido de um marcador de aspecto (*nĩ* e *nĩgtĩ*). No último exemplo (13), *tũ* é antecedido por um marcador de futuro (*ke*), que precisa, necessariamente, seguir o verbo (*finh: fi (deitar) + nh* (sufixo de futuro)) para dar a ele esse aspecto de futuro, para, somente depois, receber o valor da negatividade (*tũ*), que é seguido em todos os exemplos por *nĩ* ou *nĩgtĩ*.

Temos dois exemplos em que o marcador de aspecto *nĩ / nĩgtĩ* não é usado (14 e 15):

- 14) *Mĩg tỹ vãhã ge vég tũ vẽ!*  
 onça MS agora também ver não ASP

“Para a suçuarana, não tem nenhuma novidade nisso!” (Ishikawa *et al.*, 2020, p. 55).

- 15) *Tỹ ģjag jagně kanhkã há tũ nỹtĩ é.*  
 EXIST 2PL um ao outro família bom NEG ASP mais

“Vocês não eram bons irmãos.” (Informação oral, 2019)

Em 14, temos o marcador de aspecto *vẽ* e em 15, o marcador de aspecto *nỹtĩ*. Isso nos faz pensar em não poder afirmar categoricamente que *tũ nĩ* são, juntos, a expressão da negação dos verbos, mas sim somente *tũ*, com marcadores de aspecto dependentes de cada contexto. Os marcadores de aspectos derivados de verbos posicionais são *jě (em pé)*, *nĩ (sentado)*, *nỹ (deitado)* e *sa (pendurado)*, e palavras derivadas deles, com sentido de plural, de repetição de ações, concordância de gênero *kamě* e *kanhru*. Apesar de cada palavra ter seu sentido, o marcador de aspecto *nĩ* é usado também de forma genérica, quando não se sabe em que posição se encontra o interlocutor. Entendemos, então, que é esse *nĩ* que é usado junto com a negação *tũ*, visto que há exemplos de orações negativas que não usam o marcador *nĩ*.

Na oração 7, a seguir, o uso de *tũ* se dá com o verbo elíptico, pois o contexto de onde o exemplo foi extraído já apresentava o estativo necessário.

16) *Nomĩgo tũ mĩ?*

Domingo não PERG

“Não era domingo?”

(Informação oral, 2019)

Buscando, em nossas elicitaciones, estruturas que tivessem o correspondente à conjunção *nem* e a correlação negativa *nem...nem*, encontramos orações que usam o próprio termo *tũ* de negação.

17) “*Mĩg vỹ kakrẽkin mĩg tũ nĩ.*”

onça MS tamanduá atacar não ASP

“A onça nem atacou o tamanduá.”

(Felisbino, 2024, informação pessoal).

18) *Pỹn vỹ hoghog vég tũ nĩ*

Cobra MS cachorro ver NEG ASP

“A cobra nem viu o cachorro.”

(Felisbino, 2024, informação pessoal).

Nestes dois exemplos, a negação acontece da mesma forma que vem acontecendo nos exemplos deste subcapítulo: com a negação à direita do verbo (*mĩg* e *vég*), e sendo seguida por um marcador de aspecto (*nĩ*).

A intenção era verificar a correspondência da negação *nem*, na elicitación, se haveria o sentido de surpresa ou ênfase na total falta de atenção ou percepção da cobra. A palavra *nem*, neste caso, adiciona um tom de que nem a ação mais básica (ver) foi realizada, sugerindo que outras ações ou percepções mais complexas também não foram realizadas. Porém, por ter sido elicitación, a nuance semântica pode não ter sido percebida pela colaboradora ou simplesmente a realização dessa diferença de nuance não é feita com outra palavra ou com a junção de outra palavra em Kaingang.

Em 19 e 20, vemos duas negações, uma em casa oración, para fazer jus à correlação negativa. Vejamos:

19) *tó tũ fi nĩ kar kỹ fi rán tũ nĩ gé.*

falar NEG 3F.SG ASP depois 3F.SG escrever NEG ASP também

“Ela não falou, nem escreveu.”

(Felisbino, 2024, informação pessoal).

20) *Inh jóg vỹ kron tũ nĩgtĩ kar kỹ ti vāju tũ nĩgtĩ.*

1SG.POSS pai MS beber NEG ASP.ASP depois ele fumar NEG ASP.ASP

“Meu pai nem bebe, nem fuma.”

(Felisbino, 2024, informação pessoal).

Notemos que a posição da negação é sempre a mesma (após o verbo) e é seguida de um marcador de aspecto (*nĩ* e *nĩgtĩ*). O marcador que é usado na 1ª oração é repetido na 2ª oração.

Na oração 21, por sua vez, notamos uma variação de *tũ*, realizada pela nasal bilabial que se junta à negação padrão: *tũm*. Essa variação se dá pelo fato de a negação estar no final da oração. Segundo nossos colaboradores, a prosódia se faz presente para dar ênfase à negação, agora no final da oração, pressupondo um verbo antes dela.

21) *Ũmm... tũm.*

“Humm... não.”

(Ishikawa, 2020, p. 34)

Nas orações 22 e 23, notamos a presença de *tũg*, outra variação de *tũ*, realizada pela assimilação da velar nasal inicial na palavra após à negação *tũ*. Assim, *tũ + nĩ* é realizado como *tũg nĩ*, como nos exemplos a seguir.

22) *Ki rĩnrĩr há han mãn tũg nĩ!*

Cuidar.PL bem fazer de.novo NEG ASP

“Não sejam mais cuidadosos!” (lit. ‘não se cuidem bem de novo!’)

(Felisbino, 2021, informação pessoal)

23) *Ón kỹ “Topẽ vỹ ki kanhró nĩ,” he sór tũg nĩ.*

Em vão Deus MS saber ASP dizer querer NEG IMP

“de modo algum jureis” (lit. ‘Não queira dizer/Não diga em vão que Deus sabe’)

(Topẽ vĩ rã, 2005, MT 5.34).

As orações 22 e 23 são consideradas simétricas na classificação de Miestamo (2007), pois o que torna a oração negativa é apenas o marcador de negação *tũg*.

O exemplo 24 apresenta outra oração com a palavra *tũg*, porém, dessa vez, ele não é um advérbio de negação. Vejamos:

24) *Inh rãnrãj tũg inh huri!*

1SG.POSS trabalhar acabar/terminar 1SG já

“Já acabei meu trabalho”

(Felisbino, 2021, informação pessoal)

*Tũg*, neste caso, não modifica o verbo que o antecede, pois *rãhrãj*, que também tem a função de verbo e antecipa *tũg*, não tem essa função nesta oração; ele está na posição de substantivo, diante do pronome *inh*, que inicia a oração e que aqui tem a função de possessivo, gerando o sintagma *o meu trabalhar*. O sujeito da oração, neste caso, pronominal, segue o verbo *tũg*, que tem o sentido de *terminar, acabar, findar*.

Provavelmente, *tũ* e suas variantes *tũm* e *tũg*, no papel de marcador de negação, tenham sido gramaticalização do verbo *tũg*, que significa *morrer, falecer, acabar, terminar*, ou seja, quando algo deixa de existir, já não é mais. Historicamente, passa de uma forma lexical a uma forma gramatical. Essa hipótese está de acordo com Heine quando diz que “Os marcadores de negação podem ser derivados de estruturas nominais, adverbiais ou verbais” (Heine, 1991, p. 118, tradução nossa). A nossa hipótese aponta para o verbo sendo a origem. Então, o ensinamento de Givón, quando diz que “Os marcadores negativos na língua surgem mais frequentemente, diacronicamente, de antigos verbos principais negativos, mais frequentemente **recusar, negar, rejeitar, evitar, falhar** ou **faltar**”, nós temos o respaldo da ocorrência desse fenômeno também em Kaingang (Givón, 1979, p. 114, grifos do autor, tradução nossa).

Vejamos agora outra forma de negação em Kaingang.

#### 4.1.2 Vó

A negação com *vó* é bastante profícua e apresenta 4 variações com sentidos diferentes. Vejamos cada uma delas:

##### 4.1.2.1 Vó “isolado” (negação absoluta)

Iniciamos as explicações e exemplificações dos usos de *vó* recorrendo ao *Vocabulario da lingua bugre*, no verbete *nã*. O autor explica que, “quando se responde *nã* absoluto, é *ua*”.

25) “– *Aurucó epié?*” “– ***Ua***”.

– *Ã hur kó pijé?* – ***Vó***.

2SG já COMER NEG NEG

“Tu [não] já comeste isso? Não.”

(Anônimo, 1852, s.v. *nã*).

A negação com *vó* em Kaingang, segundo Wieseemann (2011), é utilizada para dar respostas negativas ou para realizar perguntas com alguma palavra negativa na oração; a partícula *vó* na oração representa uma maneira suave, mais educada para responder ou realizar perguntas, como mostram os exemplos, que repetimos aqui, bem como os exemplos do nosso *corpus*.

As orações 26-29 apresentam essa negação em posição de resposta absoluta a uma pergunta, em um diálogo.

- 26) “– *Ã mĩ vé?*” “–***Vó.***”  
 2SG PERG ver NEG.  
 “– Você viu?” “– Não.” (Wieseemann, 2011, s.v. *mĩ vó*)
- 27) “*Ã mĩ inh mré goj ki mronh ke mũ?*” “***Vó***”  
 2SG PERG 1SG-com rio em nadar FUT ASP NEG  
 “– Você vai nadar no rio comigo?” “– Não” (Felisbino, 2021, informação pessoal)
- 28) “*Ã mĩ jẽ?*” “***Vó.***”  
 2SG PERG ASP.em pé NEG  
 “– Você almoçou?” “– Não.” (Felisbino, 2021, informação pessoal)
- 29) “*Ã mĩ escola ra vỹr?*”<sup>3</sup> “***Vó.***”  
 2sg perg escola para foi “Não.”  
 “– Você foi à escola?” “– Não.” (Felisbino, 2021, informação pessoal)

Givón (1979) classifica esse tipo de negação como negação proposicional completa, pois nega a proposição como um todo. Esse termo descreve a negação de uma proposição inteira ou de uma frase como uma unidade, em oposição à negação de elementos específicos dentro da frase. Portanto, quando uma pessoa responde com *vó* a uma pergunta que demanda resposta sim/não, feita no Kaingang do Apucarantina com o marcador de pergunta *mĩ* (26-29), ela está realizando uma negação proposicional completa, negando a proposição inteira implícita na pergunta.

<sup>3</sup> A tradução no passado *foi* é uma forma supletiva (Mattoso Câmara Jr., 1964), por isso a glosa não recebeu o termo *ir*.

#### 4.1.2.2 Vó em início de oração (desiderativo negativo)

Vó também, agora em início de oração, tem função desiderativa. É isso que aponta a oração 30.

30) **Vó** *jég* *tīg*.<sup>4</sup>

não ASP.FUT ir

“Tomara que não seja” (Lit. “Tomara que não vá”)

(Wiesemann, 2011, s.v. *vó jég tīg*)

#### 4.1.2.3 Vó vế (“Não é isso”)

Em 31 e 32, *vó* é usado com *vế* (indicador de aspecto) para dizer que algo *não é*.

31) **Vó** *vế!* 4 e... 4 e 20 *ki* *mẽ mỹ!*

não ASP 4 e... 4 e 20 LOC parecer

“Não é isso! Às 4 e... 4 e 20, acho!”

(Felisbino, 2021, informação pessoal)

32) *Kỹ* *ijóg* *sir...* **vó** *vế!*

então 1SG.POSS-pai daí não ASP

“Então meu pai... não é!”

(Felisbino, 2021, informação pessoal)

As realizações se dão no início ou no final da oração, porém fazem parte de uma expressão absoluta em resposta ou comentário negando a informação dita anteriormente.

A oração 33 apresenta uma expressão indicadora de dúvida ou incerteza em que *vó* é antecedido por *mỹ*; as duas palavras juntas fazem essa função. O uso dela acontece em final de frase.

33) *Inh mré nĩ fi* *hã tũ* *mỹ* **vó?**

esposa MF ? não será que não

“Será que não é?”

(Wiesemann, 2011, s.v. *mỹ vó*)

Wiesemann (2011, p. 168) diz que *mỹ vó* é usado para realizar uma pergunta, esperando resposta com sentido negativo. Preferimos, então, esta tradução, pois talvez se aproxima mais da expectativa de uma resposta negativa: “Não é minha esposa, não, né?”

<sup>4</sup> O sublinhado no final de uma palavra indica a flexão de futuro do verbo.

#### 4.1.2.4 *Vó mĩ vó* (negação disjuntiva exclusiva)

Em 34, podemos ver *vó* sendo usado em outra expressão: *vó mĩ vó*, com função disjuntiva. Trata-se de oração que faz determinada pergunta afirmativamente e, na sequência, finaliza com a pergunta negativa, sem a repetição dos elementos da 1ª oração.

34) *Ã mĩ inh mĩ pergũta han ke mũ, vó mĩ vó?*

2SG PERG 1SG.para pergunta fazer FUT ASP ou não

“Você vai fazer pergunta para mim, ou não?” (Felisbino, 2021, informação pessoal)

A localização da negação disjuntiva se dá no final da pergunta, como acontece em português.

Na sequência, apresentamos exemplos, analisados por Tabosa (2014), referentes à disjunção usada em orações coordenadas com o mesmo sujeito e o mesmo verbo, mudando somente o complemento. Adaptações nas glosas e nas traduções poderão ser feitas.

35) *Ã mĩ gãr gėnh, ka nin vó?*

2SG PERG MILHO pegar.FUT mandioca NEG

“Você quer milho ou mandioca?” (lit.: “Você vai pegar milho ou será que vai pegar mandioca?” (Tabosa, 2014, p. 213).

36) *Gĩr mĩ gãr kó, ka nin vó?*

Criança PERG milho comer mandioca NEG

“O menino comeu o milho ou a mandioca?” (lit.: “O menino comeu milho ou será que comeu a mandioca?” (Tabosa, 2014, p. 213).

37) *Ã mĩ kafe kron mũ, goj vó?*

2SG PERG café beber ASP água NEG

“Você quer beber água ou café?” (lit. “Você bebe água ou será que bebe café?”) (Tabosa, 2014, p. 2013).

Nota-se que, de 35 a 37, a segunda oração, que se inicia após a vírgula, há elipse do sujeito e do verbo, e a presença apenas do objeto direto, seguido de *vó*.

As orações 38 e 39 são ligeiramente diferentes.

38) *Ludoviko mÿ carro mãn ke mũ vÿ, moto mÿ vó?*  
 Ludoviko PERG carro comprar FUT ASP será que é? moto NEG  
 “Ludoviko vai comprar um carro ou uma moto? (lit.: “Será que Ludoviko vai pegar um carro ou vai pegar uma moto?”) (Tabosa, 2014, p. 213).

39) *Pedro mÿ igreja ra tĩg mũ vÿ, escola ra vó?*  
 Pedro PERG igreja para ir ASP será que é? escola para NEG  
 “Pedro vai à igreja ou à escola?” (lit.: “Será que Pedro vai à igreja ou vai à escola?”) (Tabosa, 2014, p. 213).

As primeiras orações, em 38 e 39, finalizam com *vÿ*, traduzido por *será que?* Na sequência, vem o argumento pós-verbal seguido de *vó*. Aqui há também elipse do sujeito e do verbo, e a presença apenas do objeto direto, seguido de *vó*.

Com estrutura um pouco mais modificada, a oração 31 também finaliza com *vÿ*, porém não apresenta o marcador de aspecto *mũ* na 1ª oração, junto ao verbo; esse marcador vai aparecer na 2ª oração, o que tornou necessária a repetição do verbo *konh*, pois o marcador é verbal e precisa estar junto dele, se não na 1ª oração, então na 2ª certamente.

40) *Gĩr mÿ farinh konh vÿ, pirã konh mũ vó?*  
 menino PERG farinha comer.FUT será que é? peixe comer.FUT ASP NEG  
 “O menino comerá farinha ou comerá o peixe?” (lit.: “Será que o menino vai comer farinha ou vai comer peixe?”) (Tabosa, 2014, p. 214).

Em 40, há também elipse do sujeito, porém o verbo precisou ser repetido; o objeto direto, que necessariamente é diferente, apareceu na 2ª oração, seguido de *vó*.

Nas orações seguintes (41 e 42), temos verbos diferentes nas orações, Vejamos.

41) *Gĩr mÿ gãr kó, goj kron vó?*  
 menino PERG milho comer água beber NEG  
 “O menino comeu o milho ou bebeu água?” (lit.: “O menino comeu milho ou será que bebeu água?”) (Tabosa, 2014, p. 214).

- 42) *Maria fi mĩ ěmĩ han mũ, fi mĩ vãgfanh mũ vó?*  
 Maria F PERG para bolo fazer ASP 3F.SG PERG lavar.FUT ASP NEG  
 “Maria faz o bolo ou lava a roupa?” (lit.: “Maria faz o bolo ou será que lava a roupa?”)  
 (Tabosa, 2014, p. 214).

Em 41, a 2ª oração contém somente o objeto e o verbo, ambos diferentes da 1ª oração, sendo que a segunda é finalizada, como vem acontecendo, por *vó*. Em 56, o autor da oração decidiu repetir na 2ª oração o sujeito da 1ª, retomando-o pelo pronome pessoal anafórico, juntamente com o marcador de sujeito para pergunta. Por haver marcador de aspecto (*mũ*) na primeira oração, mantém-se o paralelismo com o uso do mesmo marcador de aspecto, agora seguido de *vó*, para que a negação disjuntiva aconteça.

Os exemplos 43 e 44 são constituídos por sujeitos diferentes e por um único verbo.

- 43) *João mĩ vim ke tĩg mũ, Pedro mĩ vó?*  
 João PERG pescar ir ASP Pedro PERG NEG  
 “O João vai pescar ou o Pedro vai pescar?” (lit.: “O João vai pescar ou será o Pedro que vai pescar?”)  
 (Tabosa, 2014, p. 215).

- 44) *Maria fi mĩ ěmĩ han mũ, Jandira fi mĩ han mũ vó?*  
 Maria f PERG bolo fazer ASP Jandira F PERG fazer ASP NEG  
 “Maria faz o bolo ou Jandira faz o bolo.” (lit.: “Maria faz o bolo ou será que Jandira faz o bolo?”)  
 (Tabosa, 2014, p. 215).

Em ambas as orações, os sujeitos são acompanhados pelo marcador de pergunta. Na oração 43, porém o verbo da 2ª oração fica elíptico, o que não acontece com o verbo da 2ª oração do exemplo 44, que só tem o 2º argumento do verbo em elipse (*ěmĩ*). Uma hipótese para esse acontecimento pode ter a ver com a valência verbal: no 1º caso, um verbo monovalente; no 2º, um verbo bivalente. Isso precisa ainda ser mais bem investigado. Ambas as orações são finalizadas pela negação disjuntiva *vó*.

Tabosa (2014, p. 215) nos ensina que, “com relação à disjunção, as duas estruturas utilizadas na língua kaingang mostram, de alguma forma, a negação. Isso se justifica devido ao fato de a língua empregar somente a disjunção exclusiva na qual a afirmação de uma proposição requer a negação da outra”.

### 4.1.3 *Nejé*

No *Dicionário Kaingang-Português*, de Wieseemann (2011), a autora comenta sobre as perguntas e respostas da língua Kaingang; ela afirma, que uma pergunta ou uma resposta negativa no Kaingang podem ser expressas por *vó*, que tem tom mais suave; afirma também que podemos utilizar a expressão *nejé*, que indica negação proposicional, porém se apresenta de forma mais rude. Vejamos os exemplos:

- 45) “*Ã mÿ inh mré tÿg mÿ?*” “***Nejé.***”  
 2SG PERG 1SG com ir ASP de jeito nenhum.  
 “Você vai comigo?” “De jeito nenhum.” (Wieseemann, 2011, s.v. *nejé*)
- 46) *Japo tÿ ã krÿn sór mÿ ra ti mÿ: nejé, hem nÿ!*  
 Diabo MS 2SG encucar querer senão ele para não dizer IMP  
 “Quando o diabo quer lhe encucar algo: diga não a ele!”  
 (Wieseemann, 2011, s.v. *japo*)

Nas orações a seguir (47-49), observa-se que a negação *nejé* em Kaingang também indica uma variação na nuance de sentido (mais suavizado), em comparação com os exemplos anteriores (mais rudes).

- 47) *Kÿ isÿ nejé sÿ vãnh kãmÿ tÿg mág*  
 “Então 1SG.MS de jeito nenhum 1SG.MS floresta-em ir grande.”  
  
*mÿ ra tag ve jãtÿ nÿ nẽ hÿn, kutyg kÿ?*  
 senão DEM ver nunca ASP será que provavelmente anoitecer então  
 “Então, por que será que eu não vi isso quando andei outras vezes na floresta à noite?”  
 (Ishikawa, 2020, p. 35).
- 48) *Ãjag tÿ nejé jagnẽ mrẽ nãgnãnh ke tÿ nÿtÿ nẽ?*  
 2PL MS de jeito nenhum um com o outro deitar.PL FUT NEG ASP será que?  
 “Por que vocês não podem se casar?” (Felisbino, 2021, informação pessoal).
- 49) *Ã tÿ nejé ver kã jẽ nẽ?*  
 2SG MS de jeito nenhum ainda em ASP por quê?  
 “Você não iria embora? Por que ainda está aqui?”

(Felisbino, 2021, informação pessoal).

Nas orações 47 a 49, *nejé* foi usado para fazer uma pergunta na forma negativa. Quando *nejé* é utilizado em perguntas, seu sentido se torna mais suave, justamente para o interlocutor não parecer grosseiro (Wiesemann, 2011).

#### 4.1.4 *Pi, Pijé*

A negação deste item também é negação proposicional, porém é usada para dar maior ênfase no sentido negativo. Em 2007, Gonçalves, que estudou *Aspecto no Kaingang* em TIs do Rio Grande do Sul (Votouro e Nonoai), dá um exemplo de oração negativa com o marcador de sujeito *pi*, cujo uso é mais comum nos falares de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

50) *Inh pi pã'i vég ěmã ki.*

1SG MS cacique ver aldeia LOC

“Não vi o cacique na aldeia”.

(Gonçalves, 2007, p. 16).

No exemplo 50, o sujeito é acompanhado do marcador de sujeito *pi*, usado com orações negativas.

Nossos colaboradores ensinam que a negação feita com *pijé* também é traduzida como *de jeito nenhum*, à semelhança de *nejé*. A diferença entre eles é que, enquanto *nejé* é usado em resposta à pergunta feita a algum superior ou em declarações, *pijé* é a negação desvinculada de qualquer valor hierárquico. *Pijé* está sempre posposto ao sujeito da oração, funcionando como marcador desse sujeito.

51) *Ā pijé tỹ kanhgág jě.*

2SG de jeito nenhum MS Kaingang ASP

“Você não é Kaingang”

(Felisbino, 2021, informação pessoal).

52) *Ĕg pijé fóg ag mỹ rãnrãj mũ mỹr.*

1SG de jeito nenhum não indígena 3M.PL para trabalhar ASP é verdade

“não trabalhávamos para os brancos.” (Felisbino, 2021, informação pessoal).

53) *Ĕg pijé ěmĩ tãvĩ jaměn kỹ rĩnrĩr mũgtĩ.*

1PL de jeito nenhum pão muito viver ASP

“Não só de pão viverá o homem”

(Topẽ vĩ rã, 2005, MT 10.4).

54) *Ĕg pijé mro há nýtĩ.*

1PL de jeito nenhum nadar bem ASP.ASP

“Nós não sabemos nadar.” (Felisbino, 2024, informação pessoal).

Para Wiesemann (2011), a partícula negativa *pijé* funciona como um marcador nominativo ou marcador de sujeito; nesse caso, não é o sujeito que faz a ação. Trata-se de uma negação proposicional interna, mas somente ligada ao sujeito.

#### 4.1.5 *Jatũ*

Sobre o próximo tipo de negação, aponta Payne (1997) que a negação analítica pode apresentar variações em suas partículas, podendo ter estruturas que são consideradas variantes, mas que expressam negação da mesma maneira; então, nas orações 55 a 57, percebemos isso acontecer com a língua Kaingang também: *jatũ* indica negação, com o significado de *nunca*, sendo, provavelmente, a composição entre *ja*, que é indicador de modo com o sentido de *terminado* e a negação *tũ*, dando o sentido de *nunca* ou de *ainda não*, conforme o contexto. A posição canônica continua a mesma: à direita do verbo.

55) *Tag to inh jykrén jātũ jẽ vẽ*

isso-em eu pensar nunca ASP ASP

“Nunca tinha pensado nisso” (Ishikawa, 2020, p. 34).

56) *Mãn jātũ inh.*

pegar esquecer 1SG

“Esqueci de pegar.” (lit. “eu não peguei”) (Felisbino, 2021, informação pessoal)

57) *Mro kar jātũ ti ver.*

tomar banho terminar não 3SG ainda

“Ele não terminou de tomar banho ainda.” (Felisbino, 2021, informação pessoal)

## 4.2 VERBOS DE SENTIDO NEGATIVO

Na sequência – subcapítulos 4.6.1 a 4.6.12 –, temos exemplos de 12 tipos de verbos negativos em Kaingang, a maioria dos quais foi listada por Wiesemann (2011), sob o verbete *não*, na parte *Português-Kaingang* do seu dicionário. Trata-se

de verbos de sentido negativo, ou, nos termos givonianos, *negação lexical* (Givón, 1979) e relação a outro verbo de sentido positivo, como *existir* em oposição a *faltar*, mas que, em Kaingang, não possuem sua forma negada com *tũ*, como há em português *haver x não haver*.

#### 4.2.1 *Kākán ke (não alcançar, faltar)*

O único exemplo encontrado com o verbo *kākán ke* foi no dicionário de Wiesemann (2011). Nem mesmo na internet, nem no banco de dados do projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia” apareceu essa forma. O verbo inicia a oração, seguido de *tóg* que aqui tem função catafórica, comum na estrutura do Kaingang, fazendo referência a *ry* (*lasca*).

- 58) *Kākán ke tóg mũ, ti ry ti, hã kỹ tóg han kãn tũ nũ sir.*  
 faltar ANÁF ASP 3SG lasca 3SG por isso ANÁF fazer terminar NEG então  
 “Faltaram lascas, por isso não terminou (a cerca).”

(Wiesemann, 2011, s.v. *kākán ke*)

A oração 58 de acordo com Payne (1997) é uma negação lexical, pois a palavra *kākán ke* que significa “faltar” seria o negativo lexical do verbo *ter*, na frase acima a negação é apresentada de forma lexical pelo verbo representado.

#### 4.2.2 *Kãnũ (não alcançar, ficar curto, não chegar até lá)*

O mesmo aconteceu com *kãnũ* que só tem um exemplo, também do dicionário de Wiesemann.

- 59) *Ti kãnũ to ken hã vẽ:*  
 3SG não alcançar querer dizer  
 não chegar até lá

“Ficar curto quer dizer:”

“Não alcançar quer dizer:”

“Não chegar até lá quer dizer:”

(Wiesemann, 2011, s.v. *kākán ke*)

O verbo, neste exemplo, vem depois do pronome pessoal na forma de 3ª pessoa do singular no masculino na função de sujeito oracional.



65) **Ker** ã amigo ag to jũ hẽ!  
 PROIBIT 2SG amigo 3MPL com brigar PROIBIT  
 “Não brigue com seus amigos!”

66) **Ker** kutẽ hẽ!  
 PROIBIT sair PROIBIT  
 “Não saia de jeito nenhum!”

Chamado por Wiesemann de indicador de opinião, *ker ... hẽ'* tem função imperativa, com o sentido de que a pessoa não faça algo de jeito nenhum, de ser terminantemente proibido. Usado com dois elementos, o primeiro (*ker*) inicia a oração e o segundo (*hẽ'*) a finaliza.<sup>5</sup>

67) **ker** ã mÿ tó hẽ'  
 PROIBIT alguém para dizer PROIBIT  
 “Não diga a ninguém” (Topẽ vĩ rã, 2005, MT 8.4b, 9.30b, 17.9b).<sup>6</sup>

68) **Ker** inh kãmén hẽ'  
 PROIBIT 1SG comentar PROIBIT  
 “Não comente sobre mim” (Topẽ vĩ rã, 2005, MT 8.4b, 9.30b, 17.9b).

As orações 67 e 68 são também exemplos, agora bíblicos, do uso desse imperativo proibitivo, sempre com a mesma estrutura.

As orações 64 a 68 são consideradas imperativas, pois possuem o marcador de negação *ker ... hẽ*, que, de acordo com Payne (1997), se tratam de uma negação analítica e estão relacionadas ao verbo principal da oração.

69) **Ker** ti jũn hẽ'.  
 ADVERT 3MSG embravecer ADVERT  
 “Cuidado para não o embravecer.” (Wiesemann, 2011, s.v. *jũn*).

70) **Ker** nũgme ki kutẽ sór hẽ'.  
 ADVERT abismo LOC cair querer ADVERT  
 “Tenha cuidado para não cair no abismo!” (Wiesemann, 2011, s.v. *nũgme*).

<sup>5</sup> Para conhecer mais sobre o imperativo, sugerimos a dissertação de Lima (2023).

<sup>6</sup> Em citações bíblicas, o primeiro número é o capítulo do livro mencionado; o segundo número, depois do ponto, é o versículo; a letra indica a parte do versículo, já que não o transcrevemos inteiro).

Trouxemos os exemplos 69 e 70 a título de curiosidade, visto que a tradução dada por Wiesemann é de *ter cuidado*, porém contêm o elemento *hẽ*, que entendemos dar intensidade à *advertência*, tornando-a o que consideramos *proibição*. Nosso intuito não é criticar a tradução de Wiesemann, porém ressaltar a dificuldade de fazer a correspondência entre as línguas.

No exemplo 69, é perfeitamente possível a tradução *Não o embraveça!*, ou em português mais usual, *Não faça ele ficar bravo!* No segundo caso, porém, fica estranha a tradução *Não caia no abismo!* Ou, quem sabe, *na ribanceira*, visto que não é usual alguém querer cair em uma ribanceira; assim, a tradução trazida pela pesquisadora é a mais cabível. Fica a dúvida sobre o uso de *hẽ*, que torna a oração proibitiva.

Porém, vendo que uma das traduções dadas por Wiesemann à palavra *nũgmẽ* é *inferno* e ajustando a tradução para *Cuidado para não ir ao inferno*, também poderíamos, com menos dificuldade, traduzir para *Não vá ao inferno*, por fazer algo que desagrade a Deus.

#### 4.2.5 *Mỹ, Mỹ e, Mỹ ũ, Mỹ kóreg (não gostar de)*

Neste tópico, vemos que os kaingang representam de, pelo menos, quatro formas o que em português se relaciona ao *não gostar*.

71) *Ti mỹ tóg kóreg nĩ.*

3SG.M para ANÁF feio ASP

“Ele não gosta disto.” (lit. “para ele isso é feio)

(Wiesemann, 2011, s.v. *mỹ kóreg*)

72) *Sỹ ã jé kur mãn ti mỹ ã mỹ ũ?*

1SG.M 2SG para roupa comprar 3SG para 2SG não gostar

“Não gostou da roupa que lhe comprei?” (Wiesemann, 2011, s.v. *mỹ ũ*)

73) *Kusa tóg tĩ, kỹ tóg inh mỹ e tĩ.*

Frio ANÁF HAB então ANÁF 1SG não gostar HAB

“Está frio, não gosto do frio.”

(Wiesemann, 2011, s.v. *mỹ ẽ*)

74) Ana fi **mỹ** **mỹga** vỹ ko **ũ** **tĩ.**

Ana F não gostar manga MS comer INDEF ASP.HABIT

“Ana não gosta de comer manga.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

Em 71, podemos notar a intercalação do elemento anafórico *tóg* em **mỹ tóg kórég**. Em 71, 72 e 73, podemos ver o elemento negativo finalizando a oração; ele pode ser seguido de marcadores de aspecto. A oração 17, estruturalmente, é a mais diferente delas. Por isso, consultando uma das colaboradoras, a Léia Sãgã, ela ensinou que o *não gostar* é composto por *mỹ* em conjunto com *ũ tĩ*. Isso manteria a estrutura de a negação sempre seguir o verbo.

#### 4.2.6 *Vãnh* (não querer, não poder, não conseguir, não estar acostumado a)

No *Vocabulário da língua bugre*, de 1852, o autor, anônimo, indicou que “Quando se nega o habito de fazer certas cousas é *eim* ou *uem*” e exemplificou assim:

74) **paiueim** (forma grafada pelo autor)

*Péju* **vãnh** (forma atualizada por nós)

roubar não querer/não poder fazer algo

“não costuma furtar.” (Anônimo, 1852, s.v. *não*).

A forma *Paiueim*, ouvida pelo autor, provavelmente seja a junção de *paiú* com *ueim*, visto que, no dialeto do Apucarânia, há as formas *pejú* e *vãnh*.

75) *Gĩr* **ag** *tóg* **ver** *rãhrãj* *kufy* *han* **vãnh** *nỹtĩtĩ.*

Criança M.PL MS ainda trabalho pesado fazer **não poder** ASP.PL.HAB

“As crianças não podem fazer serviço pesado.” (Wiesemann, 2011, s.v. *gĩr*)

76) *ũn* *si* **ag** *vỹ, vĩ* *ki* *ránrán* **vãnh** *ja* *nỹtĩ.*

alguém velho MPL MS língua-em escrever não sabiam terminado ASP.HAB

“Os antigos não sabiam escrever na nossa língua.” (Wiesemann, 2011, s.v. *gĩr*)

77) *Ke* *kar* **vãnh** *han* *jé* *inh* *ke* *mũ.*

FUT terminar não conseguir fazer PARA 1SG FUT ASP

“Não vou conseguir terminar logo.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

78) *Gĩr ag kãpa vãnh han ke mũ.*  
 criança M.PL sair não poder fazer FUT ASP  
 “As crianças não podem sair ainda.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

79) *Nén kupe kãn vãnh han jé inh ke mũ*  
 coisa lavar terminar não conseguir fazer para 1SG FUT ASP  
 “Não vou conseguir terminar de lavar a louça.”  
 (Felisbino, 2024, informação pessoal)

Nesses exemplos, a negação *vãnh* segue também o verbo, como já afirmado. As orações apontam para o uso de *vãnh* tanto no modo *realis* quanto no *irrealis*.

#### 4.2.7 *Kã kyn ké (não alcançar, não poder, não conseguir)*

Em 80 e 81, vemos orações com a expressão de *não conseguir, não poder*.

80) *Isỹ nén ũ mãn ke ũ kã sóg kyn ké.*  
 1SG.MS coisa algum comprar FUT algum 1SG.MS não poder  
 “Não pude comprar uma coisa que queria” (faltou dinheiro).  
 (Wiesemann, 2011, s.v. *kã kyn ké*)

81) *Isỹ aronh né mãn sór mũ ra inh kã kyn ké.*  
 1SG.MS arroz pote pegar querer ADVERS/CONCES 1SG não conseguir  
 “Eu quis pegar o pote de arroz, mas não consegui”  
 (Felisbino, 2024, informação pessoal)

Em ambas as orações, a expressão de negação está no final da oração, local onde se encontram normalmente os verbos.

#### 4.2.8 *Jãvãnh (não saber fazer, recusar, não querer)*

As ideias de *não saber fazer*, de *se recusar a fazer* algo ou de *não querer fazer* algo são expressas, em Kaingang, por *jãvãnh*, provavelmente composição de *jã* (?) + *vãnh* (*não poder, não conseguir*), exemplificado em 4.6.5.

82) *Ke jãvãnh ti nĩ.*  
 fazer não querer 3SG ASP.sentado  
 “Ele não quer fazer.” (Wiesemann, 2011, s.v. *jãvãnh*)

- 83) *Jěn jǎvǎnh ti nĩ.*  
 comer não querer 3M.SG ASP.sentado  
 “Ele não quer comer.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)
- 84) *Luana fi vỹ tĩg jǎvǎnh jě.*  
 Luana F MS ir não querer ASP.em pé  
 “Luana não quer ir.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

Em 82-83, temos a expressão de negação *jǎvǎnh* seguindo o verbo principal. Em 82 e 83, o sujeito pronominal se coloca depois do verbo; em 84, o sujeito nominal inicia a oração.

#### 4.2.9 *Ha'* (não sei)

Para dizer *não sei* de forma absoluta, sem complementos, os Kaingang usam a expressão *ha'*, exemplificados em 85 a 87.

- 85) *Ha' kỹ tóg, sỹ ki kagtĩg tĩ.*  
 não sei então ANÁF 1SG não saber HAB  
 “Não sei, não fiquei sabendo.” (Wiesemann, 2011, s.v. *ha'*)
- 86) – *Hě ri ke óra ki fi jun ke mũ? – Ha'.*  
 que hora em 3F.SG chegar FUT ASP não sei  
 “– Sabe que horas ela chega?” “– Não sei.” (Wiesemann, 2011, s.v. *ha'*)
- 87) – *Hě tá ã régre vỹ jě hỹn? – Ha'*  
 Onde 2SG.POSS irmão MS ASP de certo não sei  
 “– Onde estará seu irmão?” “– Não sei.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

A oração 85 é uma resposta a uma pergunta feita anteriormente, porém a autora apresentou somente a resposta. Wiesemann (2011) explica o uso da negação *ha'* para responder dizendo que se desconhece o fato informado na pergunta realizada, por isso ele é utilizado no início da frase. Em 86 e 87, Felisbino (2024) também utiliza a negação *ha'* para responder a uma pergunta realizada, porém apresentou o contexto completo.

#### 4.2.10 *Ki kagtĩg* (não saber, não conhecer)

Apresentamos, a seguir, 5 orações (de 23 a 27) que contêm o verbo *ki kagtĩg*.

88) *Ũmm... ver inh ki kagtĩg nĩ.*

Hum... ainda eu não sei ASP

“Hum... ainda eu não sei”

(Ishikawa, 2020, p. 34).

89) *Ã jóg vỹ hẽ ra vyr? Ki inh kagtĩg nĩ.*

2SG pai MS onde para foi 1SG não saber ASP

“Para onde seu pai foi? Eu não sei.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

Em 88 e 89, temos verbos *ki kagtĩg* monovalentes, ou seja, sem complemento. Em 88, o sujeito pronominal *inh* está antes do verbo, que é seguido pelo marcador de aspecto *nĩ*. Em 89, porém, a posição do mesmo sujeito pronominal é interposto ao verbo em tela. A diferença pode estar em que em 88, há um advérbio antecedendo o verbo, o que permite a mudança de posição do sujeito pronominal, que, canonicamente é posposto ao verbo, para antes dele; em 89, por estar iniciando uma oração cujo sujeito é pronominal, então o locativo *ki* permite a vinda do sujeito pronominal para antes do verbo também, mas depois de *ki*, para não iniciar a oração.

As orações 90 a 92 são todas de verbos *ki kagtĩg* bivalentes, ou seja, com sujeito e com complemento. Em 90, o complemento é um substantivo *sa* (*sal*); em 91, o complemento é o verbo *jãn* (*cantar*); em 92, o complemento é a oração *Nén tỹ hén ri kenh ke mũ* (*o que vai acontecer*).

90) *Gufã ag vỹ, sa ki kagtĩg ja nĩgtĩ.*

Antigo 3m.pl ms sal não saber TERM ASP.ASP

“Os antigos não conheciam sal.”

(Wiesemann, 2011, s.v. *sa*).

91) *“Pedro vỹ jãn ki kagtĩg nĩ*

Pedro MS cantar não saber ASP

*kar kỹ ti vẽn h grén ki kagtĩg nĩ gé.”*

depois 3M.SG dançar não saber ASP também

“O pedro não sabe cantar, nem dançar.” (Felisbino, 2024, informação pessoal)

92) *Nén tỹ hén ri kenh ke mũ ki inh kagtĩg jě.*

coisa MS o que.FUT FUT ASP 1SG não saber ASP

“Eu não sei o que vai acontecer.” (Felisbino, 2021, informação pessoal)

Note-se que em 90 e 91 o sujeito é nominal, então sua posição canônica é preposta ao verbo (que é acompanhado pelo marcador de aspecto *nĩ*), normalmente iniciando a oração e acompanhado por um marcador de sujeito, no caso *vỹ*; em 92, exemplo é com sujeito pronominal, cuja localização é entre a posposição e o verbo que a rege (entre *ki* e *kagtĩg*), que é acompanhado pelo marcador de aspecto *jě*.

#### 4.2.11 *To jykrén tũ (não entender)*

93) *Isỹ to jykre tũ tóg tĩ.*

1SG.MS não entender ANÁF ASP

“Não entendo isso”. (Wiesemann, 2011, s.v. *to jykrén tũ*)

Neste exemplo, está presente a negação *tũ*, que foi vista no subcapítulo 4.1. A explicação de esse exemplo estar aqui, e não no subcapítulo apropriado, se dá pelo fato de não haver registrada a entrada para o verbo *entender*, então a autora criou uma entrada específica para *não entender*. *To jykre tũ* tem origem em *to jykrén*, que significa *pensar*; *jykre* significa, por sua vez, *pensamento*, *costume*, *sistema*.

O correspondente a *entender* é o verbo *ensinar*, com muita lógica, pois, teoricamente, quem *ensina entende* o que está ensinando. Assim, a oração afirmativa do exemplo 93 é *Ki inh kanhrãn mũ (Eu estou entendendo)* (Felisbino, 2024, informação oral).

#### 4.2.12 *Nén ũ tũ jég tĩ (não se importar)*

94) *Hã ra ti, nén ũ tũ jég tĩ, ag tỹ ěg to vĩ ti.*

então 3SG não se importar 3MSG ms 1PL para falar 3SG

“Não nos importamos com o que eles falam sobre nós.”

(Wiesemann, 2011, s.v. *nén ũ tũ jég tĩ*)

Assim, finalizamos as apresentações das descrições da negação em Kaingang, constantes do nosso *corpus* com quadros-resumo em que apresentamos a versão afirmativa de alguns exemplos trazidos no capítulo 4, de acordo com a classificação de cada grupo. Em seguida, alinhavamos algumas considerações finais sobre o trabalho.

O quadro 9, a seguir, apresenta orações simétricas em Kaingang, tanto em sua forma negativa, assunto desta dissertação, quanto afirmativa, para melhor visualização do leitor em relação às diferenças entre elas.

Quadro 9: Orações Simétricas em Kaingang

1) “João <u>não</u> foi para tua casa”	<i>João vỹ tĩ tũ nĩ ã ã ã ã ra</i>
“João foi para tua casa”	<i>João vỹ tĩ ã ã ã ã ra</i>
2) “O cachorro <u>não</u> mordeu o cateto”	<i>Hoghog vỹ ogsã prãg tũ nĩ.</i>
“O cachorro mordeu o cateto”	<i>Hoghog vỹ ogsã prã.</i>
3) Jandira <u>não</u> colherá o milho	<i>Jandira fi gãr fãg tũ nĩ ke mũ</i>
Jandira colherá o milho	<i>Jandira fi vỹ gãr fãg ke mũ.</i>
4) Pedro <u>não</u> viu Manoel nem João.	<i>Pedro vỹ Manoel vég tũ nĩ kar kỹ João ti</i>
Pedro viu Manoel nem João.	<i>Pedro vỹ manoel vễ kar kỹ João</i>
5) O menino <u>parou</u> de chorar. (lit.: O menino não está chorando de novo agora.)	<i>Gĩr vỹ fỹ mãn tũ nĩ ha</i>
O menino está chorando chorar. (lit.: O menino está chorando de novo agora.)	<i>Gir vỹ fỹ kar hur</i>
6) Ela <u>não</u> nos atacou	<i>Ëg mãg tũ fi nĩ.</i>
Ela nos atacou	<i>Ëg mã fi</i>

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

Pode-se notar que, em todos os exemplos, a negação é feita com *tũ nĩ*, conforme nos ensinam Almeida (2008, p. 89) e Tabosa (2014, p. 207). Porém, como já dissemos na descrição das orações 14 e 15, cujos marcadores de aspecto que acompanham a negação *tũ* são *vễ* e *nỹtĩ*, entendemos que apenas *tũ* é marcador de negação, enquanto *nĩ* é verbo que marca aspecto posicional geral, e não especificamente *sentado*, que é seu sentido original.

Apenas o último exemplo mostra o uso de *tũ nĩ* intercalado pelo sujeito pronominal *fi*.

O quadro 10 apresenta um exemplo de oração simétrica em Kaingang, novamente, em sua forma negativa e afirmativa.

Quadro 10: Oração Simétrica em Kaingang

<b>1) Meu pai <u>nem</u> bebe, <u>nem</u> fuma.</b>	<i>Inh jóg vỹ kron tũ nĩgtĩ kar kỹ ti vãju tũ nĩgtĩ.</i>
<b>Meu pai bebe e fuma.</b>	<i>Inh jóg vỹ krog kỹ vãju tĩ</i>

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

A oração afirmativa em Kaingang foi elicitada a partir da oração afirmativa em português. Fazendo assim, entendemos que a estrutura em Kaingang poderia ser pensada sem ter um “modelo” da forma negativa em que o colaborador pudesse se basear. O paralelismo criado destaca a negação *tũ nĩgtĩ*, ocorrida no final das duas orações. O uso dos dois termos corrobora o que dissemos no comentário ao quadro 9, bem como nos comentários das orações 14 e 15. Além disso, nota-se, na oração negativa, que o conector aditivo entre as orações é *kar kỹ*, enquanto na oração afirmativa somente *kỹ* é usado.

O quadro 11 apresenta uma oração com o verbo *tũg* em Kaingang.

Quadro 11: Oração com o verbo *tũg* em Kaingang

<b>1) Ainda <u>não</u> acabei meu trabalho</b>	<i>Ver inh rãhrãj kar tũ nĩ</i>
<b>Já acabei meu trabalho</b>	<i>Inh rãhrãj tũg inh huri!</i>

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

O verbo *tũg*, como já dito, faz parte das orações estudadas aqui por ter sido ele, hipoteticamente, o originador do marcador de negação *tũ*, que é a negação padrão em Kaingang. Por causa do uso dos advérbios com sentido de *ainda* e *já* (*ver* e *huri*, respectivamente), a estrutura das orações é um pouco mais diversa das demais. Outro motivo dessa diferença pode ser porque a elicitación foi feita com base na oração afirmativa em português, e não em Kaingang. O uso desses circunstanciais precisa de mais estudo nessa língua.

A oração negativa em português apresenta o marcador de negação *tũ*, enquanto a oração afirmativa, com o verbo *acabar*, apresenta o verbo correspondente em Kaingang: *tũg*.

O quadro 12 apresenta orações com negação proposicional em Kaingang.

Quadro 12: Orações com negação proposicional em Kaingang

1) “Você viu?” “ <b>Não.</b> ”	“– Ā mÿ vé?” “– Vó.”
“Você viu?” “Sim.”	“– Ā mÿ vé?” “– Hÿ’ÿ
2) “Você vai comigo?” “ <b>De jeito nenhum.</b> ”	“– Ā mÿ inh mré tĭg mÿ?” “– Nejë.”
“Você vai comigo?” “Com certeza.”	“– Ā mÿ inh mré tĭg mÿ?” “– Hÿ’ÿ
3) “Você <b>não</b> é Kaingang”	Ā pijé tÿ kanhgág jĕ.
“Você é Kaingang”	Tÿ Ā kaingang jé
4) “Nós <b>não</b> sabemos nadar.”	Ēg pijé mro há nÿtĭ.
“Nós sabemos nadar.”	Mrogmro ũ Ēg nÿtĭ

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

As duas primeiras orações apresentam marcador de negação absoluta, primeiramente com *tũ*, depois com *nejĕ*. Como já dito, *nejĕ* tem semântica mais forte, com sentido mais rude em seu uso. A versão afirmativa desse marcador, em ambos os casos, é *hÿ’ÿ*.

As duas últimas orações do quadro 12 apresentam a negação proposicional que é marcador de sujeito, segundo Wiesemann (2011, p. 160); a autora explica que *pijë* é usado para indicar o sujeito que não realiza a ação.

O quadro 13, por sua vez, apresenta uma oração com negação analítica, por meio do termo *jātũ*.

Quadro 13: Oração com negação analítica em Kaingang

“Ele <b>não</b> terminou de tomar banho ainda.”	Mro kar <i>jātũ</i> ti ver.
“Ele já terminou de tomar banho.”	Venh kype kar ti hur

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

À semelhança do quadro 11, temos aqui advérbios com sentido de *ainda* (*ver*) e *já* (*hur/huri*). Nota-se que as orações novamente ficaram bem diferentes, estruturalmente falando, provavelmente porque a elicitación foi feita com base na oração em português.

Por fim, temos o quadro 14, apresentando verbos com negação/afirmação lexical em Kaingang.

Quadro 14: Oração com negação lexical em Kaingang

1) Ele <b>não</b> gosta disto.	Ti mÿ tóg <i>kóreg</i> nĭ.
--------------------------------	----------------------------

Ele gosta disto.	<i>To ti há nĩ</i>
2) Está frio, <u>não</u> gosto do frio	<i>Kusa tóg tĩ, kỹ tóg inh mỹ e tĩ.</i>
Está frio, eu gosto do frio	<i>Kusa tĩ, to in há nĩ kusa ti to.</i>
3) Ana <u>não</u> gosta de comer manga.	<i>Ana fi mỹ mỹga vỹ ko ù tĩ.</i>
Ana gosta de comer manga.	<i>Ana fi vỹ manga ko há tĩ</i>
4) <u>Não</u> costuma furtoar.	<i>Péju vãnh</i>
Costuma furtoar.	<i>Péjug ti</i>
5) <u>Não</u> vou conseguir terminar logo.	<i>Ke kar vãnh han jé inh ke mũ.</i>
Vou conseguir terminar logo.	<i>Kãnhmar inh kãn ke mũ.</i>
6) Ele <u>não</u> quer comer.	<i>Jěn jāvãnh ti nĩ.</i>
Ele quer comer.	<i>Ko sór ti mũ</i>
7) Luana <u>não</u> quer ir.	<i>Luana fi vỹ tĩg jāvãnh jě.</i>
Luana quer ir.	<i>Luana fi vỹ tĩg sór mũ</i>
8) “– Sabe que horas ela chega?” “– <u>Não</u> sei.”	<i>“– Hě ri ke óra ki fi jun ke mũ?” “– Ha’.”</i>
“– Sabe que horas ela chega?” “– Sei.”	<i>“– Ā mỹ fi tỹ óra ki jun ke ki kanhró? “– Hỹ’ỹ”</i>
9) Os antigos <u>não</u> conheciam sal.	<i>Gufã ag vỹ, sa ki kagtĩg ja nĩgtĩ.</i>
Os antigos conheciam sal.	<i>Gufã ag vỹ sa ki kanhró nỹtĩ</i>
10) Eu <u>não</u> sei o que vai acontecer.	<i>Nén tỹ hén ri kenh ke mũ ki inh kagtĩg jě.</i>
Eu sei o que vai acontecer.	<i>Nén tỹ hén ri kenh ke mũ ki inh kanhró nĩ</i>
11) Nós <u>não</u> nos importamos com o que eles falam sobre nós.	<i>Hã ra ti, nén ù tú jég tĩ, ag tỹ ěg to vĩ ti.</i>
Nós nos importamos com o que eles falam sobre nós.	<i>Hã ra ti, nén ù jagy vễ he, ag ty ěg to vĩ ti.</i>
12) “Tomara que <u>não</u> seja”	<i>Vó jég tĩg.</i>
“Tomara que seja”	<i>Kĩ hã ke jeg tĩ</i>

Fonte: A autora, com base no *corpus* da pesquisa.

Por serem verbos de negação lexical, espera-se peculiaridades na estrutura oracional que diferenciem as orações afirmativas das negativas.

Na 1ª oração, o verbo negativo *kórég* (*não gostar*) tem seu correspondente afirmativo *há* (*gostar*). A única semelhança estrutural está no verbo acompanhado pelo marcador de aspecto *nĩ*.

Na 2ª oração, o verbo negativo *mỹ e* (*não gostar*) tem seu correspondente afirmativo *há* (*gostar*). As estruturas oracionais são bastante diferentes, provavelmente pelo mesmo motivo apontado anteriormente a respeito da elicitación.

Na 3ª oração, o verbo negativo *ũ tĩ* (*não gostar*) tem seu correspondente afirmativo *há* (*gostar*). Neste caso as orações são bastante semelhantes, sendo que a única diferença está no uso da posposição *mỹ* (*para*) indicando Ana como benefactivo da oração negativa e cujo sujeito é *mỹga*, pois vem seguido pelo marcador de sujeito *vỹ*; na oração afirmativa, Ana é sujeito da oração, pois vem acompanhado de *vỹ*. Uma possível tradução literal da oração negativa seria: *Para Ana manga é ruim de comer*, enquanto a oração afirmativa diz: *Ana gosta de comer manga*.

Na 4ª oração, temos o verbo negativo *vãnh* (*não costuma*), sem verbo correspondente afirmativo. A tradução literal para *Costuma furta é Ele furta*.

Na 5ª oração foram usados verbos sinônimos para *terminar*, que são *kar*, na oração negativa, e *kãn* na afirmativa. A oração negativa é iniciada por um marcador de futuro *ke*, que aparece também no final da oração negativa e da afirmativa, ambos antes de *mũ*, que é marcador de aspecto. O verbo de sentido negativo na quinta oração, *vãnh* (*não conseguir*) não tem correspondente na versão afirmativa. A tradução literal da oração afirmativa é *Logo eu vou terminar*.

Na 6ª oração, o verbo negativo *jãvãnh* (*não querer*) tem como correspondente afirmativo o verbo *sór* (*querer*). Houve novamente uso de verbos sinônimos para *comer*: *jẽn* e *ko* (*comer comida* e *comer* (em geral)). Com relação à estrutura oracional, percebemos o uso de dois marcadores de aspecto diferentes: *nĩ* na oração negativa e *mũ* na oração afirmativa, ambos finalizando a frase.

Da mesma forma como na 6ª oração, a 7ª também apresenta os verbos *jãvãnh* e *sór*. Também vemos diferença no marcador de aspecto no final das orações: *jẽ* na negativa e *mũ* novamente na afirmativa. No mais, as orações são iguais estruturalmente falando.

A 8ª oração apresenta o verbo conjugado *ha'* (*não sei*) e seu correspondente afirmativo, o advérbio de afirmação *hỹ'ỹ*. Acreditamos não se tratar de um verbo, mas de uma expressão que indica a pessoa não saber de algo.

A 9ª oração apresenta exemplos bastante simétricos em que o verbo negativo *ki kagtĩg* (*não conhecer*) tem como correspondente afirmativo o verbo *ki kanhró* (*conhecer*). O verbo negativo é acompanhado por um indicador de modo acabado (*ja*), que não aparece na oração afirmativa. Ambas as orações terminam com marcadores de aspecto: *nĩgtĩ* na negativa e *nỹtĩ* na afirmativa.

A 10ª oração também apresenta os verbos *ki kagtĩg* e *ki kanhró*; ambos são seguidos pelos marcadores de aspecto *jẽ* e *nĩ*, respectivamente.

A 11ª oração apresenta o verbo negativo *nén ũ tũ jég tĩ* (*não se importar*), cujo correspondente afirmativo é *nén ũ jagy vẽ he* (*se importar*). As orações têm a mesma estrutura, com as mesmas palavras, exceto o que diferencia entre a negação e a afirmação.

A 12ª oração, que indica um desiderativo, tem como verbo negativo *vó* iniciando a oração, cujo correspondente afirmativo é *kĩ hã ke*. Ambos são acompanhados do verbo posicional *jég*, no futuro; a forma negativa finaliza com o verbo *ir*, que é *tĩg* na forma negativa e *tĩ* na forma afirmativa.

As variações no uso dos marcadores de aspecto, bem como o uso das formas do verbo *tĩg/tĩ* precisam ser estudadas. Não o fizemos aqui, por não ser tema do nosso trabalho de pesquisa.

Dessa forma, finalizamos este capítulo de análise e partimos para as Considerações Finais deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Terra Indígena Apucarantina, a alfabetização escolar acontece na língua kaingang, que é o foco deste trabalho; as crianças costumam a aprender a língua portuguesa formalmente em torno dos 6 anos de idade.

A língua kaingang vem sendo linguisticamente descrita em trabalhos acadêmicos de pós-graduação com objetivos vários. O nosso, na Universidade Estadual de Londrina, tem-se voltado à elaboração de uma Gramática Pedagógica para uso em sala de aula, a pedido dos próprios docentes bilíngues dessa TI.

A elaboração dessa gramática pedagógica para uso dos professores e alunos indígenas nasceu no Projeto de Pesquisa em Ensino “Bilinguismo e a presença indígena na Universidade: uma troca de saberes” (2013-2016) e cuja continuidade é dada pelos projetos de pesquisa “Gramática, Bilinguismo e Multietnia” e “Caderno de Teorias da Linguagem 1 e 2”; projetos estes da Universidade Estadual de Londrina.

O objetivo principal deste trabalho, então, foi descrever os processos morfossintáticos na formação de construções negativas na língua Kaingang e como a negação é estruturada e empregada nessa língua indígena brasileira.

Para tanto, buscou-se verificar como a negação ocorre na língua mais conservadora (em documentos do século XIX, no Novo Testamento da Bíblia e em trabalhos de pós-graduação e gravações cujos participantes tinham fala mais conservadora) e na mais atual (em uma tradução da obra *Brilhos na Floresta*, em exemplos de trabalhos de pós-graduação e gravações cujos participantes tinham fala mais atual).

Observamos que a negação padrão, aquela utilizada em orações declarativas, é *tũ*. A negação possui várias formas visto que o marcador *tũ nĩ* é muito utilizado pelos falantes da língua em diversas situações e também a palavra *vó* sempre aparece como uma resposta negativa em finais de perguntas.

A língua Kaingang, além das negações oracionais com *tũ* e da negação absoluta *vó*, tem outros diversos advérbios que fazem a função da negação.

A negação oracional *tũ* tem variação fonológica *tũm* de acordo com o contexto; apresentamos também o verbo *tũg*, que significa *morrer, terminar, acabar* e é provável originador dos marcadores de negação *tũ* e *tũm*.

A negação absoluta *vó*, usada para responder negativamente a perguntas sim/não, feitas estas com o marcador *mỹ*, tem variações semânticas como

desiderativo negativo (quando inicia uma oração), com o sentido de discordar de uma declaração, compondo a expressão *vó vẽ* (“não é isso”) e como negação disjuntiva exclusiva, na composição *vó mÿ vó*, usada em final de oração.

Na sequência, descrevemos os advérbios *nejẽ* (que pode ser usado como negação proposicional e também como negação absoluta, ambos com sentido mais rude que *tũ* e *vó*). *Pi* e *pijé* são realizados na posição de marcadores de sujeito, com sentido rude como *nejẽ*; a variante *pi* é de uso mais frequente nas TIs de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. *Jatũ* ocupa a posição da negação canônica *tũ* (após o verbo) e tem sentido mais forte do que este, realizando-se como *nunca* ou *ainda não*; provavelmente é a composição de *ja*, que é indicador de modo com o sentido de *terminado* e a negação *tũ*.

Em seguida, tratamos de 12 verbos de sentido negativo, encontrados em nossas pesquisas: *kãkãn ke* (*não alcançar, faltar*), *kãnÿ* (*não alcançar, ficar curto, não chegar até lá*), *ker* (*cuidado para não*), *ker...hẽ* (*não faça isso de jeito nenhum*), *mÿlmÿ elmÿ ùlmÿ kórég* (*não gostar de*), *vãnh* (*não querer, não poder, não conseguir*), *kã kyn ké* (*não alcançar, não poder, não conseguir*), *jãvãnh* (*não saber fazer, recusar, não querer*), *há'* (*não sei*), *ki kagtĩg* (*não saber, não conhecer*), *to jykrén tũ* (*não entender*) e *nén ù tũ jég tĩ* (*não se importar*).

Esses são verbos de sentido negativo, cuja contraparte afirmativa não tem a mesma raiz, à semelhança de *aceitar* x *negar*. São verbos com negação lexical. Com exceção de *há'*, todos os demais verbos podem estar acompanhados de quaisquer pronomes pessoais. *Há'* é usado somente pela 1ª pessoa do singular.

Sobre a busca por variação sociolinguística na negação em Kaingang, nos exemplos que descrevemos, não houve diferença na realização entre a negação da fala mais conservadora e a da fala mais atual. Com relação à variação dialetal, o marcador de negação *pi* é usado nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto que no Paraná usa-se *pijé*.

Finalizamos nossas análises com quadros que exemplificaram orações afirmativas correspondentes às negativas estudadas. Esse contraste entre as orações mostrou que a estrutura oracional muda mais em orações cujos verbos são negativos. Mostrou ainda que o uso de marcadores de aspecto, que finalizam as orações, é diferente entre as orações negativas e afirmativas, o que também precisa ser estudado.

Este trabalho teve por finalidade somar às pesquisas que abordaram a negação na língua Kaingang. Apesar de este ser a única pesquisa a ter como foco especificamente esse tema, ela precisa ser mais aprofundada em outros trabalhos, sendo o caminho para novas descobertas, sem desconsiderar as análises já feitas. Espero que este trabalho incentive novas pesquisas e contribua com elas, seja em Kaingang ou outra língua indígena.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Emília Rezende Rodrigues; SANTOS, Ludoviko dos. Os pronomes na língua kaingang e a variação na estrutura frasal. *In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS*, 3., 2007, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: CIELLI, 2009, p. 1334-1343.
- ALMEIDA, Leriana de. **A Marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang**: Uma proposta de análise. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- ALVES, Jéssica Brandet. **Verbos copulativos em Kaingang**: um estudo na TI Apucarantina. 2021. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, 2021.
- Anônimo. Vocabulário da lingua bugre. **Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil**, tomo XV, n. 5, p. 60-77, 1852.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do Paradigma Interpretativista. *In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 31-40.
- CHAMBERS, John Kennedy (Jack); TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Gênero em Kaingáng? *In: SANTOS, Ludoviko C. dos; PONTES, Ismael (org.). Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: UEL, 2002. p. 215-242.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Mapa geral das aldeias Kaingang. **Portal Kaingang**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/index\\_aldeia\\_mapa\\_geral\\_2010.htm](http://www.portalkaingang.org/index_aldeia_mapa_geral_2010.htm). Acesso em: 05 jan. 2023.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **A língua Kaingang**. Portal Kaingang. Campinas: Curt Nimuendajú, 12 mar. 2009. p. 1-6. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/lgua\\_kaingang.pdf](http://www.portalkaingang.org/lgua_kaingang.pdf). Acesso em: 14 abr. 2021.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. O Xoklêng, o Kaingáng e sua filiação ao Proto Jê: antecedentes para uma reflexão atual. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 283-314, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/12371>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- DIXON, Robert Malcolm Ward. **Linguística de campo: um pequeno manual**. Tradução de Marcelo Silveira, Luana Costa e Isabella Ferro. Sprachtypologie und Universalienforschung (STUF), Berlin, v. 60, n. 1, 12-31, 2007 (não publicado em português).
- DIXON, Robert Malcolm Ward. **Basic Linguistic Theory**. v. 1. New York: Oxford University Press, 2010a.

DIXON, Robert Malcolm Ward. *Basic Linguistic Theory*. v. 3. New York: Oxford University Press, 2010b.

DOMINGUES, Gislaine. **Descrição Morfossintática do Nome e do Verbo no Kaingang**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2013.

FERRO, Isabella Medeiros. **Indicadores de sujeito na língua Kaingang (Macro-Jê): análises e considerações**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction**. v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin, 2001.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. (Perspectives in neurolinguistics and psycholinguistics). Orlando; London: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Aspecto no Kaingang**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GYMGLISH. **Les différentes négations**. Disponível em: <https://www.gymglish.com/pt/frantastique/gramatica-frances/les-differentes-negations>. Acesso em: 13 maio 2021.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrich; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: A Conceptual Framework**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indígenas: O Brasil Indígena**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>. Acesso em: jul. 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL: **Povos Indígenas do Brasil**. Brasília: ISA, 2018. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro\\_Geral\\_dos\\_Povos](https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos). Acesso em: jul, 2021.

ISHIKAWA, Noemia Kazue; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Brilhos na Floresta**. Manaus: INPA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/4659>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ISHIKAWA, Noemia Kazue; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Vānh kāmī grugru**. Tradução: Damaris Kanĩnsānh Felisbino. Manaus: INPA, 2020. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aishikawa-2020-vanh/Ishikawa\\_2020\\_Vanh\\_Kami\\_Grugru.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aishikawa-2020-vanh/Ishikawa_2020_Vanh_Kami_Grugru.pdf). Acesso em: 7 jan. 2021. 20 jun. 2020.

JESUS MỸ JÃN JAFÃ. **Hinário na Língua Kaingang**. 4. ed. Curitiba: MCD, 2000.

KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton. **Gramática do português culto falado no Brasil**. v.3. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.

LIMA, Francisco das Chagas. Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo IV, n. 13, p. 43-64. 1842.

LIMA, Rosângela de Araújo. **Imperativo na língua Kaingang: construção e análise**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Dicionário de filologia e gramática**. 2. ed., refundida. Rio de Janeiro: Ozon, 1964, p. 334.

MIESTAMO, Matti. Negation – An Overview of Typological Research. *Language and Linguistics Compass*, v. 1, n. 5, p. 552-570, 2007.

MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia e Morfossintaxe da Língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília 2014. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17796/1/2014\\_MaxwellGomesMiranda.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17796/1/2014_MaxwellGomesMiranda.pdf). Acesso em: abr. 2021.

NASCIMENTO, Márcia. **Evidencialidade em Kaingang**: descrição, processamento e aquisição. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, Márcia. **Tempo, modo, aspecto e evidencialidade em kaingang**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo**: Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Organização e apresentação Marco Antonio Gonçalves. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax**: A guide for field linguists. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PAYNE, Thomas E. **Participant Coding In Yagua Discourse**. 1985. Thesis (Doctor's in Linguistics) – University of California, Los Angeles, 1985.

PIB. Povos Indígenas do Brasil. **Kaingang**. São Paulo: PIB, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>. Acesso em: fev. 2024

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Um aspecto da evolução fonética na família Tupí-Guaraní. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 131-134, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16254>. Acesso em: 21 ago. 2023.

TABOSA, Luciana Pereira. **Orações complexas da língua Kaingang**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2016/portugues\\_teses/tese\\_luciana\\_pereira\\_tabosa.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2016/portugues_teses/tese_luciana_pereira_tabosa.pdf). Acesso em: mai. 2021.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. Os índios Caingang (Coroados de Guarapuava). Monographia acompanhada de um vocabulário do dialecto de que usam. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, suplemento ao tomo LI (comemorativo do quinquagésimo aniversário do Instituto), p. 251-310, 1888.

TOPÊ VÍ RÃ. **O Novo Testamento na língua Kaingáng**. 2. ed. São Paulo: SBB, [1977] 2005.

VAL FLORIANA, Frei Mansueto de. Dicionário Kaingang Português Português Kaingang. **Revista do Museu Paulista**, tomo XII, p. 1-308, 1920.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang**: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade jê meridional. 1994. 226 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Dicionário Kaingang-Português**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.

WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kaingang e o Xokleng. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**, ano 3, v. 3, p. 198-217, 1978.

ZACARIAS, Armando. **Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias**. Curitiba, PR: René Wagner Ramos, 2021.

ZILLI, Leticia Gabriele; SILVEIRA, Marcelo. A negação em kaingang: perspectivas estruturais e teóricas. **Revista de Extensão Trilhas**, v. 3, n. 1, p. 86-97, ago. 2023.